



Periódicojs
EDITORA ACADÊMICA

Shslayder Lira dos Santos
Organizador

Educação

desafios, perspectiva
e possibilidade

volume 2



Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA

Shslayder Lira dos Santos
Organizador

Educação

desafios, perspectiva
e possibilidade

volume 2

Equipe Editorial

Abas Rezaey	Izabel Ferreira de Miranda
Ana Maria Brandão	Leides Barroso Azevedo Moura
Fernado Ribeiro Bessa	Luiz Fernando Bessa
Filipe Lins dos Santos	Manuel Carlos Silva
Flor de María Sánchez Aguirre	Renísia Cristina Garcia Filice
Isabel Menacho Vargas	Rosana Boullosa

Projeto Gráfico, editoração e capa

Editora Acadêmica Periodicojs

Idioma

Português

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24	Educação: desafios, perspectiva e possibilidade - volume 2. / Shslayder Lira dos Santos (Org.) – João Pessoa: Periodicojs editora, 2024
	E-book: il. color.
	E-book, no formato ePub e PDF.
	Inclui bibliografia
	ISBN: 978-65-6010-082-4
	1. Educação. 2. Desafios. I. Santos, Shslayder Lira dos. II. Título.
	CDD 370

Elaborada por Dayse de França Barbosa CRB 15-553

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação: 370

Obra sem financiamento de órgão público ou privado

Os trabalhos publicados foram submetidos a revisão e avaliação por pares (duplo cego), com respectivas cartas de aceite no sistema da editora.

A obra é fruto de estudos e pesquisas da seção de Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas da Coleção de livros Humanas em Perspectiva.

Todos os direitos reservados. A propriedade intelectual de cada artigo que compõe esse E-book é de total responsabilidade dos seus autores.



**Filipe Lins dos Santos
Presidente e Editor Sênior da Periodicojs**

CNPJ: 39.865.437/0001-23

Rua Josias Lopes Braga, n. 437, Bancários, João Pessoa - PB - Brasil
website: www.periodicojs.com.br
instagram: [@periodicojs](https://www.instagram.com/periodicojs)

Prefácio



A coleção de ebooks intitulada de Humanas em Perspectiva tem como propósito primordial a divulgação e publicação de trabalhos de qualidade nas áreas das ciências humanas que são avaliados no sistema duplo cego.

Foi pensando nisso que a coleção de ebooks destinou uma seção específica para dar ênfase e divulgação a trabalhos de professores, alunos, pesquisadores e estudiosos das áreas das ciências humanas. O objetivo dessa seção é unir o debate interdisciplinar com temas e debates específicos da área mencionada. Desse modo, em tempos que a produção científica requer cada vez mais qualidade e amplitude de abertura para diversos leitores se apropriarem dos estudos acadêmicos, criamos essa seção com o objetivo de metodologicamente democratizar o estudo, pesquisa e ensino na área da ciências humanas.

Esse ebook organizado coloca em evidência, temas essenciais para a didática e metodologia do ensino nas salas de aula, permitindo uma melhoria da qualidade da apresentação do conteúdo por parte dos professores.

Filipe Lins dos Santos

Editor Sênior da Editora Acadêmica Periodicojs



Sumário



Capítulo 1

A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS LÚDICAS NA ROTINA ESCOLAR E NA CONSTRUÇÃO
DO CONHECIMENTO

7

Capítulo 2

FORMAÇÃO CONTINUADA COMO ESPAÇO PARA A CAPACITAÇÃO DO PROFESSOR COM
AS NOVAS TECNOLOGIAS

29

Capítulo 3

FAMÍLIA E ESCOLA UMA PARCERIA INDISPENSÁVEL PARA FORMAÇÃO DOS
ESTUDANTES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

45

Capítulo 4

A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO ESCOLAR NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

64

5





Capítulo

1

**A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS LÚDICAS
NA ROTINA ESCOLAR E NA CONSTRUÇÃO
DO CONHECIMENTO**

A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS LÚDICAS NA ROTINA ESCOLAR E NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

THE IMPORTANCE OF PLAY PRACTICES IN THE SCHOOL ROUTINE AND IN THE CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE

Ana Flávia de Amorim Melo¹

Resumo: O presente estudo tem como objetivo geral analisar a importância das práticas lúdicas na rotina escolar e na construção do conhecimento. Contudo, buscando alcançar o objetivo proposto, realizou-se uma pesquisa de cunho bibliográfica, ao qual, utilizou-se artigos, revistas, e estudos aos quais tratam sobre a presente temática apresentada neste estudo, como fonte de embasamento teórico. A brincadeira assume papel fundamental na interação da criança com outra criança e na criança com o adulto, tanto no âmbito familiar, social ou escolar. As brincadeiras são caminhos que conduzem as crianças para vivenciarem e socializarem atitudes, comportamentos, experiências e vivências. Nessa forma, as brincadeiras e os jogos são atividades dinâmicas, ecléticas que não se encaixam em uma definição hermética. Uma brincadeira ou um jogo ganham brilho no ato da sua execução. O jogo é proativo porque desenvolve os esquemas mentais do conhecimento, aqueles que desencadeiam a aprendizagem de novos conhecimentos, tais como: comparar, observar, inferir, classificar, seriar, conceituar, planejar e prever. Por tudo isso, o jogo é imprescindível como atividade didática, visto que ao brincar a criança se capacita para articular teoria e prática, para levantar hipóteses, para experimentar, desafiar sua capacidade física e mental, transformando a aprendizagem em atividade atrativa e cheia de interesses. O espaço escolar transforma-se em um ambiente onde gostar e querer são indissociáveis.

¹ Mestre em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University (VCCU). Graduada em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco.



Palavras-chaves: Lúdico. Brincar. Aprendizagem.

Abstract: The general objective of this study is to analyze the importance of playful practices in the school routine and in the construction of knowledge. However, seeking to achieve the proposed objective, a bibliographical research was carried out, which used articles, magazines, and studies that deal with the present theme presented in this study, as a source of theoretical basis. Play plays a fundamental role in the interaction between children and other children and between children and adults, whether in the family, social or school context. Games are paths that lead children to experience and socialize attitudes, behaviors, experiences and experiences. In this form, games are dynamic, eclectic activities that do not fit into a hermetic definition. A joke or a game gains shine in the act of its execution. The game is proactive because it develops mental knowledge schemes, those that trigger the learning of new knowledge, such as: comparing, observing, inferring, classifying, serializing, conceptualizing, planning and predicting. For all these reasons, the game is essential as a didactic activity, since by playing the child is able to articulate theory and practice, to raise hypotheses, to experiment, to challenge their physical and mental capacity, transforming learning into an attractive activity full of interests. . The school space becomes an environment where liking and wanting are inseparable.

Keywords: Playful. To play. Learning.

INTRODUÇÃO

O lúdico tem uma grande importância para a educação e para o andamento das aulas, pois, o mesmo provoca uma aprendizagem significativa de forma que todos passam a gostar das aulas, e os professores conseguem atingir um bom resultado na aprendizagem de suas crianças. Avista disso a criança na educação infantil precisa das brincadeiras para ajudar na sua aprendizagem, além de avançar em suas habilidades para que possam aplicar no seu dia-a-dia.



A escola é um espaço onde as crianças buscam aprender assuntos, que irão ser utilizados no seu cotidiano e é nesse lugar que querem aprender como utilizar-se do conhecimento adquirido. Além disso, é no ambiente escolar que as crianças podem desenvolver seus pensamentos, tornando-os sujeitos que constroem sua própria história, possibilitando sua atuação no mundo e o lúdico no processo educativo da criança tem sido de eficaz na aprendizagem, principalmente quando proporcionam momentos prazerosos, no entanto, além de contribuir para o desenvolvimento cognitivo, favorece na aprendizagem e no rendimento escolar. Dessa forma, os jogos assumem a função de fortalecer os esquemas já estabelecidos e gerar equilíbrio emocional através do prazer na criança aprendiz (NILES; SOCHA, 2014).

É importante perceber que a motivação é de suma importância para o desenvolvimento da aprendizagem dos educandos. Quando os alunos apresentam interesse em realizar as atividades que lhe são propostas, o prazer nas descobertas passam a ser mais construtivas e prazerosas, além de estimular cada vez mais a aquisição de novos conhecimentos proporcionando descobertas (ANGST; OLIVEIRA-MENEGOTTO, 2015).

Portanto o educador deve procurar várias formas de atividades que possam ser atrativas e importantes para o desenvolvimento da criança, na qual, além de brincar tanto o aluno como o professor possam entender a finalidade das brincadeiras, e que a criança possa ser um sujeito ativo e capaz de interagir com os outros, compartilhar e aprender brincando, adquirindo seus próprios valores e conhecimentos através do lúdico (NILES; SOCHA, 2014).

Trabalhar a ludicidade na educação infantil contribui na prática docente à proporção que torna o desenvolvimento da criança mais afetivo. Ambos saem ganhando especialmente o protagonista da educação infantil 'A criança'. Para a educação infantil ter maior efetividade é necessário lembrar que o aluno deve ser o protagonista de sua educação. É ele quem constrói de maneira ativa e diversificada seu conhecimento (GUMIERI, 2016).

A ludicidade como ponto de partida para concretizar o ensino-aprendizagem, a criança terá condições de levantar hipótese, formular, elaborar, observar, questionar e refletir sobre as situações



vivenciadas no brincar, envolvendo o jogo, o brinquedo e as brincadeiras, neste sentido provoca estímulos que desencadeiam múltiplas aprendizagens. Esses recursos pedagógicos são instrumentos de ensino que o professor tem que ter noção que eles precisam estar de encontro a realidade do aluno, só assim alcançar os resultados que se pretende obter (GUMIERI, 2016).

O educador se reconhecendo como mediador do conhecimento dentro do âmbito educativo e levando em consideração os conhecimentos prévios das crianças poderá criar estratégias metodológicas que deem viabilidades do aluno construir seu próprio conhecimento assegurado na proposta da ludicidade para expandir o conhecimento de mundo capacitado a enfrentar desafios e sentir-se desafiado a aprender brincando prazerosamente (SILVA, 2014).

Assim, a escolha da temática justifica-se pela necessidade de se ter um novo olhar em relação à prática educacional na educação infantil, de maneira que se perceba a importância de se trabalhar por meio de jogos e brincadeiras. Trabalhar a ludicidade na educação infantil contribui na prática docente à proporção que torna o desenvolvimento da criança mais afetivo. Ambos saem ganhando especialmente o protagonista da educação infantil, que é a criança. Para a educação infantil ter maior efetividade é necessário lembrar que o aluno deve ser o protagonista de sua educação. É ele quem constrói de maneira ativa e diversificada seu conhecimento.

O presente trabalho tem o intuito de desenvolver um estudo acerca da importância da ludicidade como recurso didático, destacando como essa prática pode ser primordial na educação infantil e seus principais benefícios.

De tal modo, o presente estudo tem como objetivo geral analisar a importância das práticas lúdicas na rotina escolar e na construção do conhecimento.

Contudo, buscando alcançar o objetivo proposto, realizou-se uma pesquisa de cunho bibliográfica, ao qual, utilizou-se artigos, revistas, e estudos aos quais tratam sobre a presente temática apresentada neste estudo, como fonte de embasamento teórico.



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

CONCEITOS ACERCA DO LÚDICO

O principal objetivo da educação é formar pessoas criativas, capazes de modificar a forma de viver com outras pessoas, de ser mais livres e felizes. Assim sendo, o lúdico é um ótimo meio para alcançar este fim.

É possível constatar que o lúdico é um facilitador da aprendizagem, o grande problema na sua utilização é, na maioria das vezes, a falta de formação para o professor no que diz respeito ao trabalho com a ludicidade em sua sala de aula; bem como a falta de financiamento educacional já que em muitas ocasiões o jogo precisa de recursos os quais o professor não pode arcar sozinho com tal despesa.

Apesar de tantas dificuldades diante do trabalho com o lúdico, muitos professores vêm desenvolvendo essa atividade diferenciada na escola. A proposta vem crescendo dia a dia, pois se começou a observar que os trabalhos realizados com os jogos lúdicos atraem a atenção da criança e, por consequência desenvolve-se uma satisfatória contribuição para o desenvolvimento intelectual e educacional, levando a um processo de ensino-aprendizagem eficaz por meio dos mesmos.

Segundo Carvalho (2010, p.7), diz que:

Educar a criança por meio do lúdico é colocá-la diante de situações que possam ajudá-la em seus impulsos instintivos. Ela pode ser incentivada, encorajada e orientada a desenvolver manifestações instintivas da sua infância, e isso auxiliará no desenvolvimento de sua inteligência.

Dessa forma, sendo a escola o espaço social de interação com os grupos, nada mais interessante do que fazer uso dos jogos para que a sintonia que favorece a educação, a socialização e aprendizagem, encontre as funções perceptivas usadas nos jogos com relação muito próxima às funções cognitivas (MARTINS, 2009).

O jogo exige do jogador esforço de cognição, assimilação, união na formação e conservação



de grupos nos quais ganhar é tão importante quanto continuar unido nos grupos. Portanto, é fundamental construir a autoconfiança das crianças diante de novos aprendizados, para que possam interagir trocando conhecimentos, pesquisando e tirando conclusões (CARVALHO, 2010).

O professor tem uma grande responsabilidade com a aprendizagem da criança principalmente nas séries iniciais do ensino fundamental, já que é necessário assimilar a leitura e escrita e os cálculos básicos da matemática. É também nessa fase que a criança pode tomar gosto pelo estudo ou abandonar severamente a escola por conta de uma dificuldade de aprendizagem (CARVALHO, 2010).

Quando se trata de educador no contexto educacional Vygotsky (1995, p.90) diz que:

O professor por ser elemento central e único detentor do saber, é quem corrige, avalia e julga as produções e comportamentos dos alunos, principalmente seus “erros e dificuldades”, detendo-se quase que exclusivamente no produto da aprendizagem, naquilo que a criança é capaz de fazer sozinha.

Por sua vez, o educador sendo a peça principal no processo de educação é o único que conhece a realidade e dificuldade de seus alunos, por isso deve ajudar a criança na projeção de suas atividades. Ele precisa estar munido de métodos diversificados e ao mesmo tempo novos para ensinar seus alunos, repassar conteúdos de forma que eles possam se interessar e aprender. É dentro dessa inovação que surge o lúdico, a ludicidade como sugestão para auxiliar a prática pedagógica em sala de aula que pode estar um pouco desgastada (VYGOTSKY, 1995).

Os recursos lúdicos são capazes de contextualizar os conteúdos e assim a criança passa a ver sentido naquilo que está aprendendo, como por exemplo, entender que é preciso saber ler e fazer cálculos para ir até um supermercado, saber a diferença entre o quente e o frio dentro da ciência, saber a origem da humanidade dentro da história, saber o tempo como está, onde mora, entre outras necessidades que descobrirá ao longo da brincadeira (VYGOTSKY, 1995).

Neste enfoque, o lúdico pode sim auxiliar na construção do processo ensino-aprendizagem em todas as áreas do conhecimento, desde que seja trabalhada de acordo com a faixa etária da criança, para que o objetivo consiga ser alcançado. É evidente que o trabalho de forma interdisciplinar se



torne mais enriquecedor quando realizado por meio da ludicidade, envolvendo assim vários conhecimentos de uma só vez (GRANDO, 2008).

Como vem sendo explicitado, os jogos são notáveis recursos que o educador pode utilizar no ensino. No começo da aprendizagem da escrita alfabética as crianças fazem confusão entre letras e sons, esse tipo de confusão também ocorre quando começam a compor suas primeiras hipóteses em relação ao sistema de numeração. Essas confusões podem se tornar um grande problema se não aprenderem a distinção entre ler e escrever e contar e associar ao conteúdo correto, pois partirá daí a dificuldade também para adquirir outras habilidades (MALUF, 2004).

Em ambos os casos, um dos alicerces do processo de letramento consiste em promover a reflexão sobre as propriedades que estrutura os sistemas de números e de escrita alfabética. Neste contexto, destaca-se aspectos importantes da atividade lúdica associada à característica fundamental do jogo como atividade livre que permite propor, produzir e resolver situações variadas que envolvam o SNA (sistema de escrita alfabética) e o SND (sistema de numeração decimal) (MALUF, 2004).

A proposta dos jogos em sala de aula promove a socialização dos alunos, possibilita atitudes de cooperação entre eles, além de proporcionar a participação e o interesse em esclarecer o problema proposto pelo professor. Porém, para que isso ocorra o professor necessita de um planejamento organizado e um jogo que instigue o aluno a buscar o resultado, ele precisa ser interessante, desafiador. Conforme aponta Grando (2008, p. 25):

Além disso, é necessário que a atividade do jogo proposta, represente um verdadeiro desafio ao aluno, ou seja, que se torne capaz de gerar “conflitos cognitivos” ao aluno, despertando-o para a ação, para o envolvimento com a atividade, motivando-o ainda mais.

O emprego de atividades lúdicas promove um senso crítico, investigador, que ajuda na compreensão e entendimento de determinados conteúdos relacionados ao ensino. Entretanto, faz-se necessário que os alunos encarem essa atividade como uma aprendizagem através de jogos como dominó, palavras cruzadas, memória e outros que proporcionem ao aluno brincar e registrar resultados obtidos



ao mesmo tempo, tornando essa aprendizagem um processo interessante e divertido (NEVES, 2007).

Os jogos devem ser utilizados para lançar, amadurecer e aprofundar os conteúdos já trabalhados. Dessa forma o aluno será conscientizado da importância daquele momento para a sua formação, pois ele usará de seus conhecimentos e de suas experiências para participar, opinar, sugerir soluções na busca de melhores resultados (GRANDO, 2008).

Este recurso pedagógico deve ser aproveitado pelo professor como instrumento na aprendizagem, como uma ferramenta que facilite e colabore para auxiliar os alunos a vencerem os obstáculos encontrados durante o processo, assim como, levá-los à compreensão dos conteúdos trabalhados (GRANDO, 2008).

A prática da ludicidade para ensinar os conteúdos do currículo escolar pode propiciar o sucesso da aprendizagem dos alunos. Lembrando que, os benefícios dessas atividades vão além das salas de aula, pois esses recursos promovem uma maior interação entre os alunos. Além disso, muitas vezes uma atividade desenvolvida na escola, na qual o professor tenha participação efetiva ou colaborativa proporciona um relacionamento mais próximo entre ele e o aluno (NEVES, 2007).

Outro aspecto a ser focado diz respeito a uma realidade vivida por muitos alunos, ou seja, as dificuldades econômicas e sociais. Esta situação pode interferir diretamente no aprendizado ou em casos extremos a evasão escolar e em vista disso é preciso que a escola ofereça momentos mais alegres e agradáveis. A cerca disso, aponta que a maior parte das crianças em situação de fracasso são as de classe popular e elas precisam ter prazer em estudar, do contrário, desistirão e abandonarão a escola (NEVES, 2007).

Sendo assim, quanto mais os alunos enfrentam dificuldades de ordem física e econômica, mais a Escola deve ser um local que lhes traga motivação. Essa alegria, não pode ser uma alegria que os desvie da luta, mas eles precisam ter o estímulo ao prazer.

É papel da escola buscar estratégias de ensino que sejam agradáveis para o aluno, pois somente num ambiente prazeroso é que a aprendizagem ocorrerá de forma significativa. Sobre isso Moyles (2002, p. 43) enfatiza: “A aprendizagem ocorre o tempo todo no desenvolvimento normal



durante toda a vida, desde que alguma coisa desperte o nosso interesse”.

É preciso que a escola valorize os conhecimentos adquiridos espontaneamente pela criança, muitas vezes por meio do lúdico, e não o despreze em detrimento do conhecimento sistematizado, mas articule um ao outro utilizando um rico instrumento pedagógico que são os brinquedos.

Os recursos lúdicos são capazes de contextualizar os conteúdos e assim o aluno passa a ver sentido naquilo que está aprendendo. Os jogos desenvolvem o raciocínio lógico, estimulam o pensamento independente, a criatividade e a capacidade de resolver problemas.

O uso do lúdico é de extrema importância para o educador, pois constitui-se numa estratégia de ensino e aprendizagem devendo dessa forma ser planejado previamente e os objetivos elucidados, pois a ludicidade deve ser trabalhada na escola com muita seriedade.

Durante todo o trabalho foi feita uma análise teórica sobre a importância do lúdico na sala de aula, ao passo que o estudo foi sendo aprofundado foi percebendo-se que é imprescindível a utilização do mesmo na melhoria da prática pedagógica. Dessa forma, fez-se necessário acrescentar algumas sugestões de práticas pedagógicas no intuito de favorecer o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

Como vem sendo explicitado, os jogos pedagógicos são notáveis recursos que o educador pode utilizar no ensino da Língua Portuguesa, contribuindo para o enriquecimento e desenvolvimento intelectual e social do educando, levando-os a aprender trabalhar em equipe, com criatividade, bom humor e imaginação.

Apresentam-se algumas sugestões de atividades lúdicas para trabalhar o português:

- Bingo de letras, palavras e frases;
- Dominó das imagens (trabalhar a escrita relacionada a imagem);
- Concurso de ortografia;
- Produção de frases a partir da imagem mostrada;
- Jogo da mímica (identificar objetos, palavras, animais por meio da expressão corporal);



- Soletrando;
- Concurso de produção de cartazes (utilização de diferentes gêneros textuais).

Na matemática, o jogo leva ao conhecimento de regras e este jogar propicia através da articulação entre a problemática proposta, gerada pelo convívio social e a imaginação, ao desenvolvimento de novos conhecimentos matemáticos fazendo com que através da exploração e transformação a criança comece a estabelecer significados e passa a percebendo que o meio se modificará com sua ação. Segundo Neves (2007, p. 12) é interessante trabalhar:

- Jogo da memória numérica (comparar número a quantidade);
- Pegavareta (aprender a contagem a partir da brincadeira);
- Quadrado mágico;
- Bingo numérico;
- Labirinto da tabuada;
- Boliche reciclável.

Quanto às disciplinas Ciências, História e Geografia podem ser utilizados jogos que explorem a linguagem visual, oral e escrita como:

- Utilização de mapas, vídeos, cartazes que promovam além da leitura o interesse em conhecer o que está sendo exposto;
- Debates com formação de mesa redonda, grupos, dramatizações as quais possibilitem a criança a desenvolver sua oralidade e expressão corporal;
- Produções de textos, resenhas, opiniões sobre o que está sendo debatido.

Todas essas sugestões levarão as crianças à compreensão de suas posições no conjunto das



relações da sociedade com a natureza em relação aos valores humanos, toda sua historicidade. Como também os processos envolvidos na construção do tempo e espaço geográfico. Assim, como está especificado no PCN's de História e Geografia:

A Geografia ao pretender o estudo de lugares, suas paisagens e território, tem busca de um trabalho interdisciplinar, lançando mão de outras fontes de informações. É possível aprender Geografia desde os primeiros ciclos do Ensino Fundamental pela leitura de autores brasileiros consagrados - Jorge Amado, Érico Veríssimo, Guimarães Rosa, entre outros cujas obras retratam as diferentes paisagens do Brasil, em seus aspectos sociais, culturais e naturais (PCN's, 1997, p. 117).

Enfim, a educação por meio da ludicidade, é uma proposta de trabalho que, se bem ministrada e assimilada nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental poderá contribuir efetivamente para a melhoria do processo ensino-aprendizagem. Nesse processamento aprimorar a aprendizagem dos alunos, formando cidadãos aptos a exercer sua cidadania de forma plena e consciente, de seus direitos e deveres (NEVES, 2007).

O professor dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental ao escolher um jogo deve visualizar analisar e ressaltar o que almeja atingir, vindo a utilizar o jogo, como um instrumento de função educativa. Deixando evidente que o mais importante do que delimitar qual a metodologia que será usada, é oportunizar as crianças uma forma dinâmica e prazerosa de aprendizado (AGUIAR, 2004).

Diante de todas as estratégias de jogos acima citadas deve-se salientar que são sugestões para facilitar o trabalho pedagógico e não receitas prontas e acabadas que podem fazer aprender ou não. É preciso entender que o uso do lúdico não significa dizer que a criança vai aprender, ele irá auxiliar na problematização do conteúdo, de forma a contribuir para que a aprendizagem passe de um processo obrigatório e exaustivo a significativo e prazeroso (AGUIAR, 2004).

Todavia, cabe ao corpo docente buscar informações e desenvolver trabalhos para que cada vez mais prove os benefícios da ludicidade nas atividades escolares, bem como na formação integral dos indivíduos, pois experiências bem sucedidas podem provar que o lúdico é uma ferramenta muito



eficaz e que deve ser utilizada na escola (MALUF, 2004).

Por sua vez a metodologia lúdica se usada de forma consciente e responsável, pode realmente contagiar os alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e despertá-los a interpretar o mundo como indivíduo ativo no processo de transformação. E em todo esse processo o professor deve assumir o papel de intercessor, ético e cooperativo fazendo de suas aulas uma excelência em dinamismo que suscite o feedback entre educando – educador (MALUF, 2004).

JOGOS NA ESCOLA

Trabalhar com a perspectiva lúdica na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental é uma exigência da lei, mas desenvolver atividades pedagógicas tendo o jogo com recurso não é tarefa fácil, porque as crianças ainda, nessa faixa etária, não tem a coordenação motora muito desenvolvida e deixam de corresponder a muitas ações. Diante disso, será necessário um planejamento aprimorado com objetivos bem definidos.

Organizar a escolha dos jogos para suas crianças é papel do professor. Essa escolha atende a critérios especificamente pedagógicos que são a estimulação da cognição, da imaginação, da criatividade das habilidades afetivas e psicomotoras, além das sociais. Os jogos voltados para a socialização da criança estimulam a interação, a verbalização de ideias. Todo jogo deve ser voltado para a exploração do lúdico (OLIVEIRA; DIAS, 2017).

Os jogos e as que estimulam as habilidades cognitiva, afetivas e sociais são aqueles que usam bolas, encaixam peças, usam blocos para construção, utilizam fantoches. Por sua vez, os blocos de construção, geralmente são feitos de madeira, e ajudam no desenvolvimento da motricidade dos membros superiores, pois desenvolvem ações como: pegar, tocar, manipular, afastar, aproximar, e desenvolvem também a concentração, o raciocínio, a criatividade. Esse jogo é muito criterioso e desenvolve o espírito de organização, cuidado, imitação, similaridade e noções espaciais e de quantidade (GUMIERI, 2016).



Os jogos com bolas são os mais populares e favorecem o desenvolvimento de muitas habilidades, tais como: noção espacial, competitividade, habilidade com os pés e com as mãos, além de raciocínio rápido e mobilidade corporal. O jogo com bolo ajuda na socialização e a interação.

Os jogos de encaixe são muito comuns na escola e são confeccionados em madeira, papelão e plástico e são utilizados com objetivo das crianças manipularem suas peças, construir objetos livremente ou direcionados, fazendo experiências. Esse tipo de jogo contribui para que as crianças compreendam situações novas, planeje ações concretas, contribui para o desenvolvimento motor dos braços, mobilidade dos cotovelos, antebraços, mão pulso e dedos, além de desenvolver a coordenação visiomotora, a discriminação de cores, tamanho e formas (GUMIERI, 2016).

Como se vê, os jogos vistos na perspectiva de recurso didático, apresentam-se como uma maneira de construir relações entre o imaginário e o concreto do dia-a-dia especialmente das crianças. Quando bem planejado, com objetivos bem definidos e metas bem traçadas, os jogos ou qualquer material lúdico são fortes aliados da aprendizagem prazerosa. É importante o material pedagógico não seja apresentado como pronto, acabado, voltado apenas para manipulação. O melhor jogo é aquele que oferece possibilidades de recriação.

Sob essa ótica, é importante destacar que o educador ou a educadora tem sempre oportunidade de ser criativo nas buscas e escolhas do material didático, especialmente do material lúdico. Porém, para isso, ele não deve esquecer-se de estar sempre aberto a sugestões e para a criatividade, abrindo-se a novas experiências. Lembrar sempre que a criança deve estar sempre envolvida por um clima de afetividade, amizade e segurança e situada em um ambiente calmo, receptivo para poder desenvolver suas habilidades e competências (OLIVEIRA; DIAS, 2017).

O trabalho desenvolvido pelo profissional da educação precisa oferecer à criança oportunidades para que ela desenvolva habilidades sociais e afetivas e, envolvidas nesse clima, a cognição flui abundantemente. O brincar no âmbito escolar é chamado de brincar dirigido e não anula a espontaneidade do ato de brincar. Nele há possibilidades de traçar desafios a partir da seleção dos jogos ou mesmo da brincadeira (GUMIERI, 2016).



Estes tipos de jogos trazem objetivos claros que são de promoção de aprendizagens em campo da matemática, das artes e da linguagem, por exemplo. Por fim, nessas atividades, o professor assume o papel precípua de mediador, de facilitador das atividades lúdicas propostas, porque orienta, direciona, conduz todo o processo para que a criança ganhe autonomia na ação.

A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS LÚDICAS NA ROTINA ESCOLAR E NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

As práticas lúdicas devem ser bem planejadas para que as interações possam proporcionar um brincar satisfatório e prazeroso. É importante ressaltar a importância da disponibilidade de brinquedos e jogos dentro da sala de aula, pois a presença dos mesmos desperta a curiosidade além de estimular a imaginação e o faz de conta (MUNIZ, 2010).

O movimento faz com que a criança demonstre um papel fundamental na afetividade e simultaneamente na cognição. A criança se comunica, e expressa diferentes emoções em si mesma, manifestando ansiedades e dúvidas sobre suas descobertas. Por isso o corpo, elemento presente na natureza, brincadeiras tradicionais, jogos, dentre outros, favorecem momentos prazerosos, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia dos mesmos (CARDOSO, 2013).

Percebe-se que as brincadeiras e jogos acompanham o ser humano desde a antiguidade na qual estão presentes em várias culturas. Isso retrata a existência de diversos grupos socioculturais, favorecendo a interação entre os sujeitos, onde os mesmos têm a oportunidade de conhecer outros universos de diferentes situações, descobrir o mundo à sua volta, respeitando-os e valorizando-os (CARDOSO, 2013).

Portanto o educador deve procurar várias formas de atividades que possam ser atrativas e importantes para o desenvolvimento da criança, na qual, além de brincar tanto o aluno como o professor possam entender a finalidade das brincadeiras, e que a criança possa ser um sujeito ativo e capaz de interagir com os outros, compartilhar e aprender brincando, adquirindo seus próprios valores e



conhecimentos através do lúdico (SOMMERHALDER, 2014).

De acordo com Muniz (2010) o espaço lúdico e o momento criativo podem, e estão, em qualquer situação e aspecto da vida. Só é preciso estar atento, com um olhar diferenciado da rotina. O lúdico pode ser de difícil definição, mas pode ser algo extremamente simples.

Os recursos lúdicos no processo de aprendizagem buscam formas de ensinar visando tornar a criança um ser ativo, pronto pra se desenvolver, e essa aprendizagem acontece por meio das brincadeiras e brinquedos, a medida que a criança se desenvolve está construindo o saber e valores sociais para formação da cidadania (CARDOSO, 2013).

O brinquedo é determinante no desenvolvimento da criança, é um parceiro fundamental como componente pedagógico. Os brinquedos representam um mundo colorido de coisas para conhecer e explorar, e é brincando com os pais, os professores, os colegas, irmãos que começa, a valorizar o brinquedo, proporcionando a integração e o conhecimento do mundo.

Os jogos e as brincadeiras enriquecem a personalidade, estimula a aprendizagem, aumentando a independência, e comportando o brincar como fator consistente e agradável a criança. Assim relata Piaget (1997) enfatiza os tipos de brinquedos para as diferentes etapas de desenvolvimento da criança. Os brinquedos devem ser adequados aos interesses, às necessidades e às capacidades de desenvolvimento na qual a criança se encontra.

No período sensório motor (de 1 a 3 anos é quando ocorrem as grandes explorações e enormes descobertas. Neste estágio segundo Piaget (1997) a criança esta ligada em tudo é importante mudar os objetos de posição para observar sua reação. Aos poucos ela vai se sentando e se locomove facilmente é quando terá acontecido o desenvolvimento psicomotor, dai por diante adora por e tirar os objetos, imitar, explorar o espaço, exercita se correndo de um lado para outro. A criança nessa fase gosta de estar com outras crianças mas ainda disputam os brinquedos, imita os adultos em seus afazeres, começa a conhecer e reconhecer cores e formas, seu poder de imaginação vai aumentando gradativamente.

A criança nessa fase encontra se imerso no mundo, e aos poucos os objetos vão sendo repre-



sentado por pequenas ações, mais muito importantes para obterem o que deseja apenas pelo prazer.

Estudos de Piaget (1997) sobre o desenvolvimento cognitivo na faixa dos 3 aos 6 anos de idade mostram que na medida em que as crianças podem se lembrar de objetos e de festas, podem também formar conceitos e, portanto desenvolver a aprendizagem significativa.

Entre 3 e 6 anos de idade, as crianças estão no segundo estágio conforme Piaget período pré-operacional, o do desenvolvimento cognitivo, onde as crianças apresentam - se em um período ainda sem razões lógicas, onde os desejos e medos estão muito frequentes, e as ações muitas vezes não condizem com o que está acontecendo ao redor.

Nesse sentido, a fase do faz de conta é a realidade durante a brincadeira, utilizam tudo que estiver ao seu alcance para entrarem na brincadeira, é tempo de aparecer as imitações e a criança dá significados a várias ações, conhece todas as cores; o menino nessa fase gosta das brincadeiras tipo mocinho e bandido; a menina já gosta de brincadeiras mais calmas como atividades domésticas e sociais.

É momento de formar as ideias, comparação entre as pessoas e objetos aonde vai aprendendo a diferenciar, num princípio utiliza os objetos sem nenhuma assimilação afetiva, até chegar o momento que faz parte do mundo, relacionando à vida as brincadeiras (SOMMERHALDER, 2014).

Os jogos assumem papel preponderante no desenvolvimento psicomotor e no processo de cognição da criança. Eles exercitam hábitos sociais, processos mentais e aprimora o uso das linguagens. Compreende-se dessa forma, que os jogos pedagógicos devem ser planejados e marcados por etapas nítidas e que acompanhem o progresso dos alunos. O jogo é importante e necessário para o desenvolvimento intelectual e social da criança e deve ser colocado em prática com a intenção de provocar aprendizagem, e estimular a construção do conhecimento (SILVA, 2015).

Neste sentido, não é apenas conhecer jogos e aplicá-los, mas refletir sobre os benefícios que pode proporcionar a aprendizagem da criança. Por isso, a importância do planejamento do educador, pois o jogo deve estar inserido nas atividades como suporte pedagógico e não como mero passatempo. Assim, o jogo somente tem validade se usado na hora certa, com os brinquedos certos que despertem



interesse em descobrir coisas novas para que assim a aprendizagem aconteça e tenha consistência.

Olhando em outra linha, temos as contribuições de Buhler (1935) que classificam os jogos da seguinte forma: jogos funcionais jogos ficcionais jogos receptivos jogos construtivos e os jogos com regras. Na fase dos jogos funcionais, os bebês estão aprendendo a bater palmas, estimulando as ações coordenadas, identificando os objetos ou ainda estimulando as funções sensoriais. Nesta fase tudo vai chamar atenção da criança, um lenço colorido, chocalhos ou qualquer objeto que esteja ao alcance da mesma.

Nos jogos ficcionais, proposto para o segundo ano de vida, nesta fase a criança já se envolve com as histórias, a fantasia, o adorável faz de conta em que encanta a criança, e que a mesma atribui a si ou ao objeto um determinado papel construindo assim a função psicológica de representar (ANGST; OLIVEIRA-MENEGOTTO; GIONGO, 2015).

Por volta do terceiro ou quarto ano de vida, ganha se destaque os jogos construtivos que envolvem brincadeiras, com blocos, desenhos, entre outros. É uma fase de explorar a linguagem naturalista da criança, onde a mesma já sabe contar histórias, cantar, imitar, colocar em pratica suas ações, ou seja, formar seus conceitos e colocar em pratica.

E os jogos de regras a partir dos 4 anos de idade atingindo os 6 anos de idade, a criança sente realizada, onde os brinquedos e as brincadeiras fazem parte do mundo. Nesta fase a criança fica livre para explorar situações que facilitem sua comunicação com o grupo (BULHER, 1935).

O processo criativo infantil, se caracteriza à medida que são postas em pratica as ações , o objeto a ser alcançado por meio dos jogos, é que a criança conquiste o mundo, e que possa realizar se como pessoa.

Palma (2017) ainda enaltece que Existem elementos que justificam e condicionam a aplicação dos jogos, esses elementos se graduam segundo a importância, capacidade de se construir um fator de autoestima no aluno, condições psicológicas favoráveis, condições ambientais, fundamentos técnicos.

Neste sentido, Antunes (1998) destaca o reforço positivo de um novo convite, onde as crian-



ças demonstram que o jogo estava divertido e atendeu as necessidades das mesmas. A posição definida dos alunos para não haver dúvida na hora de desenvolver a atividade, o ambiente propicia, amplo, limpo, seja no chão ou mesmo na mesa onde os mesmos tenham condições de participar de forma satisfatória, e por fim o jogo jamais pode ser interrompido e sempre que possível o aluno deve ser estimulado a buscar os próprios caminhos. Além disso, todo jogo precisa ter começo, meio e fim, e não ser programado se existir dúvidas sobre sua realização.

No que se refere ao jogo de regras, as regras são a lei do jogo, nessa fase a um objeto claro a ser alcançado, para Piaget é a prova concreta do desenvolvimento da criança, ela acontece a partir dos 4 anos de idade alcançando seu auge em torno dos 6 anos de idade, nesta etapa evidencia-se as brincadeiras em grupo, o uso de alguns brinquedos por meio dos quais explorara suas ações (PIAGET, 1946).

Passando assim, dos jogos de exercício e os jogos simbólicos, evoluindo e transformando - se em jogos de regras onde permanece durante toda a vida dos indivíduos, ocupando espaços na convivência social.

Nesse sentido, os jogos devem ser introduzidos como recursos importantes nas escolas e pré-escolas, o jogo é reconhecido como meio de provê a aprendizagem, fornecer á criança um ambiente agradável, motivador, planejado e enriquecido, onde possam vivenciar experiências e utiliza-las no dia a dia e na aprendizagem.

A utilização desses instrumentos lúdicos enriquece a aprendizagem provocam situações de interesse, além de permitir um caráter coletivo entre o grupo, permitindo, estabelecendo relações de trocas como; aprendem a esperar a vez que lhe é devido a dividir o material com os colegas, e se acostumam a lidar com regras conscientizando que podem ganhar ou perder, além de trabalhar o raciocínio lógico e desenvolver as habilidades operatórias.

O lúdico é uma característica fundamental do ser humano, do qual a criança depende muito para se desenvolver. Para crescer deve brincar e para se equilibrar frente ao mundo precisa do jogo. Aprender brincando tem mais resultados, pois a assimilação infantil adapta se facilmente a realidade.



A criança é um ser que não para, porque é nessa fase que se inicia o processo de formação intelectual, os jogos e brincadeiras são pontos cruciais do desempenho, tornando-se um ser criativo, participativo, o uso das atividades lúdicas desenvolvidas na Educação Infantil, quebrando qualquer rotina de desinteresse no espaço da Educação Infantil (SILVA, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maneira que a criança brinca, o universo da ludicidade se abre para novos horizontes, proporcionando-a novas formas de felicidade. Para tanto, nessa sessão busca refletir a partir dos teóricos o conceito do lúdico; o lúdico e a Educação Infantil no intuito de uma compreensão da formação da criança e construção do conhecimento na Educação Infantil a partir do lúdico.

A brincadeira assume papel fundamental na interação da criança com outra criança e na criança com o adulto, tanto no âmbito familiar, social ou escolar. As brincadeiras são caminhos que conduzem as crianças para vivenciarem e socializarem atitudes, comportamentos, experiências e vivências.

É com os brinquedos e os jogos que as crianças iniciam sua criatividade e sua aptidão para edificar sua realidade, seu mundo e planejar o futuro. Quando é dada a criança oportunidade de brincar, de jogar tanto de forma individual ou coletivamente, elas vivem uma experiência enriquecedora.

Como atividades associadas à infância, as brincadeiras e os jogos exigem sempre muitos cuidados e, por isso, necessitam ser investigados em seus diferentes aspectos e múltiplas variedades.

Ao reconhecermos os inúmeros e variados significados que se atribui aos jogos e às brincadeiras, necessário se faz explicitar um posicionamento e compreensão acerca desses termos, pois é dele que se desenvolve e se fomenta as reflexões desse estudo.

Nessa forma, as brincadeiras e os jogos são atividades dinâmicas, ecléticas que não se encaixam em uma definição hermética. Uma brincadeira ou um jogo ganham brilho no ato da sua execução. O jogo é proativo porque desenvolve os esquemas mentais do conhecimento, aqueles que



desencadeiam a aprendizagem de novos conhecimentos, tais como: comparar, observar, inferir, classificar, seriar, conceituar, planejar e prever.

Por tudo isso, o jogo é imprescindível como atividade didática, visto que ao brincar a criança se capacita para articular teoria e prática, para levantar hipóteses, para experimentar, desafiar sua capacidade física e mental, transformando a aprendizagem em atividade atrativa e cheia de interesses. O espaço escolar transforma-se em um ambiente onde gostar e querer são indissociáveis.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, João Serapião de. Jogos para o ensino de conceitos: Leitura e escrita na pré escola. Campinas-SP: Papirus, 2004.

ANGST, Cristiane; OLIVEIRA-MENEGOTTO, Lisiane Machado de y GIONGO, Carmem Regina. Violência no contexto da educação infantil: um olhar da psicologia escolar. Aletheia [online]. 2015, n.46, pp. 174-186.

CARDOSO, M.C. Ludicidade na universidade: um olhar reflexivo para as vivências lúdicas na formação de educadores. Anais do VII Encontro de Educação e Ludicidade (VII ENELUD) - Cultura Lúdica e Formação de Educadores. D'ÁVILA, Cristina, CARDOSO, Marilete, XAVIER, Antonete (org.) Universidade Federal da Bahia. FAGED/UFBA. Salvador, 27 fevereiro a 01 de março de 2013.

CARVALHO, Audrey. O lúdico no desenvolvimento da criança. 1.ed. São Paulo: Rideel, 2010.

GRANDO, R. C. O Jogo e a Matemática no Contexto da Sala de Aula. 2.ed. São Paulo. Paulus, 2008.

GUMIERI, Francielly Aparecida. A importância do lúdico para o desenvolvimento da criança: o brincar como ferramenta de aprendizagem na Educação Infantil. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro, SP, v. 3, n. 1, p. 66-80, 2016.

MALUF, Angela Cristina Munhoz. Brincadeiras para Sala de Aula. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MARTINS, João Luiz. Jogos e Brincadeiras de A a Z. 2 ed. São Paulo: Rideel, 2009.



- MOYLES, J. R. Só Brincar? O Papel do Brincar na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- NEVES, L. O. O Lúdico nas Interfaces das Relações Educativas. 2007. Disponível em: <http://www.centrorefeducacional.com.br/ludico-int.htm>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- NILES, Rubia Paula Jacob ; SOCHA, Kátia. A Importância das atividades lúdicas na educação infantil. *Ágora: R. Divulg. Cient.*, v. 19, n. 1, p. 80-94, jan./jun. 2014
- OLIVEIRA, S. S. G. de, DIAS, M. da G.B. E ROAZZI, A. O Lúdico e suas implicações nas estratégias de regulação das emoções. São Paulo. Sprint, 2017.
- PALMA, M. S. Representações das crianças sobre o brincar na escola. *Revista*
- PIAGET, J. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- SILVA, A. J. N.; SOUSA, I. S. (Orgs.). A formação do professor de matemática em questão: reflexões para um ensino com significado. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.
- SILVA, Airton Marques da. Metodologia da pesquisa. (2a ed.). Fortaleza, CE: Eduece. 2015.
- SOMMERHALDER, A. Jogo e a Educação da Infância muito: prazer em aprender. Curitiba, PR: CRV, 2014.
- VYGOTSKY, L. Uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petropolis, RJ: Vozes, 1995.





Capítulo 2

**FORMAÇÃO CONTINUADA COMO ESPAÇO
PARA A CAPACITAÇÃO DO PROFESSOR COM
AS NOVAS TECNOLOGIAS**

FORMAÇÃO CONTINUADA COMO ESPAÇO PARA A CAPACITAÇÃO DO PROFESSOR COM AS NOVAS TECNOLOGIAS

CONTINUING TRAINING AS A SPACE FOR TEACHER TRAINING WITH NEW TECHNOLOGIES

Júlio César Ferreira Brasil¹

Resumo: Este estudo tem como objetivo geral analisar a importância da formação continuada como espaço para a capacitação do professor com as novas tecnologias. Para que se possa alcançar o objetivo proposto, foi feita uma pesquisa do tipo bibliográfica, ao qual foram utilizados artigos, revistas, teses e outros estudos que tratam deste tema servirão como fontes de pesquisa e base teórica para este estudo. A inovação tecnológica e a criatividade do professor são vitais para melhorar a educação. Ninguém pode negar o impacto que a tecnologia teve nesse processo. Novos métodos não são tão importantes quanto aprender informações importantes e receber instruções em sala de aula. Os alunos devem usar seus cadernos e quadros-negros para entender completamente as informações que estudam. Eles também devem usar recursos complementares, como pesquisas na Internet e viagens de campo. As mudanças tecnológicas exigem que as escolas ajustem seus processos educacionais para acomodar novos desenvolvimentos tecnológicos. Isso inclui novos métodos de ensino e aprendizagem, como a implementação de tecnologia na sala de aula. As escolas precisam considerar as especificidades de todos os participantes envolvidos na tecnologia educacional (professores, diretores, supervisores, coordenadores e equipe pedagógica) para criar um objetivo geral para a tecnologia. Isso exige que as escolas entendam suas necessidades em nível global, a fim de criar uma frente unida para a mudança tecnológica.

¹ Mestre em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University (VCCU). Graduado em Ciências pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patos e Minas.



Palavras-chaves: Formação Continuada. Capacitação. Tecnologia.

Abstract: This study has the general objective of analyzing the importance of continuing education as a space for teacher training with new technologies. In order to achieve the proposed objective, a bibliographical research was carried out, using articles, magazines, theses and other studies that deal with this topic and will serve as research sources and theoretical basis for this study. Technological innovation and teacher creativity are vital to improving education. No one can deny the impact that technology has had on this process. New methods are not as important as learning important information and receiving instruction in the classroom. Students must use their notebooks and chalkboards to fully understand the information they study. They should also use supplementary resources such as Internet research and field trips. Technological changes require schools to adjust their educational processes to accommodate new technological developments. This includes new teaching and learning methods, such as implementing technology in the classroom. Schools need to consider the specificities of all participants involved in educational technology (teachers, principals, supervisors, coordinators and teaching staff) to create a general objective for the technology. This requires schools to understand their needs on a global level in order to create a united front for technological change.

Keywords: Continuing Training. Training. Technology.

INTRODUÇÃO

O papel de professor ou educador sempre se apresentou como um empreendimento formidável, exigindo a aquisição de competências distintas para prosperar. Embora seja amplamente reconhecido que estas competências pedagógicas devem ser cultivadas através da formação inicial, continua a existir uma lacuna na preparação adequada dos profissionais da educação. Reconhecendo



esta inadequação, alguns indivíduos procuram colmatar a lacuna através da procura de formação adicional, seja através de cursos breves ou extensos.

Apesar disso, há sujeitos aos quais têm compreensão, mas inexplicavelmente se abstêm de tentar resolver o problema. Como resultado, estamos sobrecarregados com educadores e alunos sobrecarregados e desanimados. Este último grupo é vítima de uma estrutura educacional arcaica e desconectada que, em numerosos casos, não reconhece o conhecimento que trazem consigo para a sala de aula.

A questão em torno da integração das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na educação parece estar a agravar-se, uma vez que a maioria dos educadores pertence à categoria de imigrantes digitais, o que significa que possuem conhecimento limitado ou nenhum conhecimento sobre a utilização destas ferramentas. Por outro lado, quase todos os seus alunos são nativos digitais que estão constantemente conectados no mundo virtual e possuem o conhecimento para navegar nesta gama de tecnologia. No entanto, é importante notar que, em muitos casos, estes estudantes não possuem a proficiência necessária para utilizar eficazmente estes recursos tecnológicos.

Portanto, é imperativo fornecer treinamento contínuo aos professores na utilização de novas tecnologias. Isto não só garante a sua proficiência na incorporação destas ferramentas para melhorar os seus métodos de ensino e tornar as aulas mais envolventes, mas também lhes permite orientar eficazmente os alunos na exploração de formas alternativas de navegar na Internet, facilitando assim a aquisição de conhecimentos.

Deste modo, o presente estudo apresenta a seguinte problemática: qual a importância da formação continuada como espaço para a capacitação do professor com as novas tecnologias?

O presente estudo enfatiza a importância da formação contínua e o seu papel num sistema educativo que incorpora novas tecnologias. É fundamental investir no desenvolvimento profissional dos professores, garantindo que sejam bem versados tanto nas teorias educativas contemporâneas como na utilização eficaz das novas tecnologias. Isso lhes permite incorporar criativamente essas tecnologias em suas práticas de ensino, promovendo um ambiente de aprendizagem dinâmico e en-



volvente para os alunos. Ao contextualizar a experiência de aprendizagem e reconhecer o conhecimento existente dos alunos, os professores podem cultivar um sentimento de prazer e entusiasmo pela aprendizagem.

De tal modo a escolha do presente tema justifica-se, pois, acredita-se firmemente que este assunto tem grande importância nos contextos acadêmico e social. Além disso, observa-se em primeira mão os desafios encontrados pelos nossos colegas educadores ao tentar utilizar estas ferramentas de forma eficaz.

Assim, este estudo tem como objetivo geral analisar a importância da formação continuada como espaço para a capacitação do professor com as novas tecnologias.

Para que se possa alcançar o objetivo proposto, foi feita uma pesquisa do tipo bibliográfica, ao qual foram utilizados artigos, revistas, teses e outros estudos que tratam deste tema servirão como fontes de pesquisa e base teórica para este estudo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A CONTRIBUIÇÃO DA TECNOLOGIA À APRENDIZAGEM

O uso da tecnologia na educação é a chave para o desenvolvimento e para a criação de tecnologias educativas para o uso cotidiano, mesmo que esse desenvolvimento seja desigual entre as instituições. A implementação de novas tecnologias se desenvolve paralelamente às mudanças nos métodos de ensino e, inclusive, à forma de conceber a aprendizagem e o ensino, onde cada vez mais é o próprio aluno quem toma o controle do processo e os materiais e os recursos se adaptam às suas solicitações e possibilidades (BARBOSA; SHITSUKA, 2020).

Durante muito tempo, a incorporação de recursos na educação teve como objetivo principal apoiar ao professor em sua tarefa, dotando-o progressivamente de mais meios, enquanto o aluno tinha como suporte unicamente os livros e as palestras do professor (BARBOSA; SHITSUKA, 2020).

Nas palavras de Carvalho et al. (2021), em certa medida, os meios tecnológicos são um apoio



sólido para a mudança, porque são capazes de facilitar o ensino individualizado da aprendizagem interativa e de novas metodologias, como o ensino através de computador, o que ocasiona uma verdadeira transformação no processo de ensino-aprendizagem ao ceder o papel de protagonista ao aluno.

Carvalho et al. (2021) complementa ainda que, as novas tecnologias, portanto, criam novas possibilidades de desenvolvimento tecnológico, além de determinarem estratégias de instrução diferentes às tradicionais. O uso destas em educação implica que os papéis da escola, do professor e do aluno se modifiquem, no sentido de que todos eles devam assumir que os processos de ensino e aprendizagem se centram na forma como os sujeitos ordenam e estruturam suas interpretações da realidade, de maneira ativa e progressiva, levando em conta também seus processos psicológicos.

Ferreira, De Oliveira e Da Silva (2020) ponderam que, assim, as características dos conteúdos, as estratégias didáticas empregadas, os processos de comunicação entre docentes e alunos, os objetivos e as formas de avaliação devem ser interpretados como instrumentos de apoio, que por sua vez dinamizam a própria modalidade e fortalecem a educação permanente.

O uso de novas tecnologias é um processo inevitável, e sua implementação requer um planejamento adequado, dependendo das possibilidades de recursos humanos e financeiros com que contém as instituições educativas. O treinamento de habilidades para o trabalho e o uso de novas tecnologias implica em dotar os profissionais da educação de mecanismos de compreensão de que essas novas tecnologias propiciam mudanças na relação do indivíduo com o tempo e com o espaço.

Isso se justifica pela compreensão de que os tempos tradicionais no ciclo vital das pessoas envolvidas no processo ensino-aprendizagem com suporte tecnológico sofrem um processo radical de transformação, associado a uma descontextualização espacial dessas atividades.

Atualmente, o uso das tecnologias, dos meios eletrônicos, tem criado novos ambientes de aprendizagem, nos quais são construídos, não somente sistemas de conhecimentos, mas metas saberes, definidos como “competências que colocam o sujeito em condições de avaliar a pertinência dos conhecimentos adquiridos e dos processos seguidos, desenhar estratégias satisfatórias em função de suas próprias aspirações” (GODOI et al., 2020).



A tecnologia e suas facilidades não prescindem, ao menos em uma fase inicial, da figura do professor, como orientador da aprendizagem, responsável pela reconstrução crítica do aluno da informação recebida, motivando, provocando respostas críticas, cuidando para que o aluno de fato aprenda e seja capaz de desenvolver suas potencialidades para autoformar-se (GODOI et al., 2020).

Não se trata, portanto, de negar a importância da tecnologia, da informação, no processo educativo. Trata-se, isso sim, de se orientar aos alunos a não receberem a informação como pronta, acabada, mas a reagirem, a criticarem, a reconstruírem a comunicação através de suas vivências e de seu próprio esforço de análise e de reflexão. Trata-se, portanto, de formar para receber a informação, para somente a partir disso servir-se dela como suporte da educação.

Na concepção de Andrade (2017) a expansão do uso de novas tecnologias em nossas escolas deveria seguir objetivos claros e precisos a fim de não deixar dúvidas quanto ao uso adequado e às orientações pedagógicas necessárias. Ele esboça dois objetivos. O primeiro deles dirige-se à individualização e multiplicação dos percursos de aprendizagem sendo incluídos aí também os meios de expressão. O segundo objetivo diz respeito aos novos horizontes que podem ser abertos para as escolas em geral. A esse respeito são muitas as formas de integrar as novas tecnologias na escola, com variadas experiências que buscam caminhos mais adequados para atingir tais objetivos. Dentre as muitas iniciativas que tem duas dessas propostas pedagógicas e que vêm tomando espaço na busca de novos caminhos pode-se citar: a integração de mídias na pedagogia de projetos, e o uso de mídias interativas para a construção colaborativa do conhecimento.

Ao chamar de novas às tecnologias atuais supõe-se que existiam outras antes do advento destas que seriam consideradas velhas tecnologias, tais como: retroprojektor, projetor de slides, mime-ógrafos, prensa escolar, quadro de dobras, etc.

Mesmo sendo consideradas velhas e ultrapassadas, muitas das tecnologias anteriores ainda são válidas e constantemente utilizadas nas escolas. Elas fizeram parte da prática de ensino que educou gerações e, mesmo com as inúmeras adaptações pelas quais passaram, fazem parte ainda hoje, de um grupo importante de técnicas de ensino da prática escolar. Atualmente, muito se têm sido discuti-



do e repensado em torno dessa temática. Das diversas teses debatidas, três merecem destaque: o computador como recurso didático, o computador como recurso político-pedagógico e as novas tecnologias como novos espaços educativos na modalidade de Educação à Distância (EAD). Neste trabalho o interesse é voltado para o uso da tecnologia enquanto recurso didático, compreendendo que é possível melhorar a qualidade do ensino e aprendizagem por meio do uso dessa ferramenta (BACICH, 2018).

Segundo Moran (2020) no uso desses novos espaços educativos o aluno é visto como construtor do conhecimento e o professor como mediador entre o aluno, o computador e o saber, estabelecendo novas relações nos espaços escolares.

Nessa concepção, as novas tecnologias assumem papel importante no processo de ensino aprendizagem, onde não apenas motivam os estudantes a aproximarem-se do conhecimento, como também facilitam o acesso a ele, favorecendo posturas de autonomia na busca do saber. O uso do computador e das novas mídias nos processos educativos são vistas como os grandes parceiros que vieram para ficar e, sem os quais, não é possível se pensar uma educação de qualidade.

FORMAÇÃO CONTINUADA COMO ESPAÇO PARA A CAPACITAÇÃO DO PROFESSOR COM AS NOVAS TECNOLOGIAS

Há muito tempo se fala que é necessário o professor está sempre em constante busca para o aprimoramento das suas metodologias de ensino. Para isso foi criado o termo formação continuada que é o processo educacional vivenciado pelo profissional ao longo de sua carreira, sob esse aspecto destacamos:

O termo formação tem merecido ampla adjetivação e conotações, partindo das que, tomando por referência um menor ou maior grau de formalidade e o momento cronológico em que ocorrem, a caracterizam como: inicial: decorrente de processo de duração determinada, definida pela legislação vigente, incluído nos cursos de graduação e, portanto, pré-serviço; continuada/contínua: resultante de processo formal, desenvolvido por meio de cursos de curta ou longa duração, con-comitante à atuação profissional, ou seja, em serviço.



O marco distintivo dessas nomeações situa-se, portanto, na obtenção de habilitação específica que possibilite o ingresso e/ou permanência qualificados no mundo do trabalho, diferenciando, dessa forma, a preparação para a prática do exercício profissional autônomo (FREIRE, 2009, p.17-18).

No momento atual a formação do professor tem sido colocada em foco. Está cada vez mais claro que é preciso ir além da formação inicial, faz-se necessário que estes profissionais estejam em busca constante pelo saber através das formações continuadas e principalmente buscar o que a literatura contempla com o termo autoformação, considerando que este termo significa que é formação que o indivíduo é responsável por si mesmo sem ter a ajuda de terceiros, ou seja a aprendizagem depende exclusivamente dele.

Freire (2009, p. 18) destaca a autoformação como:

[...] resultante de diferentes situações nas quais o indivíduo, pensando e gerindo a própria formação, torna-se sujeito e objeto de seu desenvolvimento intelectual, afetivo, político, histórico, ético e moral. [...] a distingue da formação continuada/contínua, pois a autoformação demanda do indivíduo a capacidade de governar por si mesmo o seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Neste ponto entra a formação tecnológica do professor. Este tipo de formação não encontra-se no período em que ele está construindo o seu conhecimento para ingressar no mercado de trabalho, e pode-se dizer que é um tipo de formação continuada mas que depende exclusivamente do profissional ir atrás de buscar a sua aprendizagem.

Com a sociedade em um contínuo processo tecnológico faz-se necessário que o professor passe a ser também um profissional capaz de atuar com essas ferramentas, como diz Freire (2009, p. 20): “gerando um processo reconhecidamente inacabável, em desenvolvimento ao longo da vida e, portanto, em permanente evolução”.

A sociedade exige dos profissionais da educação uma adaptação cada vez mais rápida e constante de acordo com as novidades que surgem no universo tecnológico e como também os métodos



necessários para o aprendizado básico da sua formação. Essas transformações seriam a utilização da informática como subsídio nas suas aulas.

Todo esse aparato tecnológico jamais substituirá a presença do professor, conforme afirma Almeida e Azevedo (2021) elas devem ser vistas como ferramentas facilitadoras nos processos de ensino-aprendizagem e fazer parte dos recursos didáticos da escola atual. Por isso se exige tanto que o professor, além de dominar os conteúdos de sua formação profissional, tenha a apropriação sobre como utilizar adequadamente estas novas tecnologias em sala de aula. Hoje se entendemos que a internet tornou-se uma das maiores ferramentas que auxiliam na busca do conhecimento humano, visto que lá encontramos diversas informações que levam o ser humano a desenvolver o seu intelecto.

Feitosa (2019) argumenta que a internet tornou-se, em poucos anos, o maior repositório de informações e conhecimentos possíveis uma hiper-mega-super-biblioteca. Com isso conclui-se que a internet é o maior meio de comunicação existente.

As escolas atuam sobre os indivíduos, permitindo-lhes compreender o mundo que os cerca, fazendo parte de um processo histórico maior. Eles mudam e mudam novamente como parte do mundo maior. As escolas precisam ajudar seus alunos a entender o mundo, a sociedade e a si mesmos. É uma instituição viva em curso, onde os alunos se desenvolvem através das relações formadas por aqueles que lá trabalham. Esta escola precisa dar autonomia aos alunos para que eles possam se tornar participantes ativos na comunidade em que vivem. Deve ajudá-los a criar mudanças e participar do processo.

Uma escola serve a um propósito maior do que simplesmente ensinar os alunos. Ele educa toda a comunidade, fornecendo-lhes conhecimento para usar em seu benefício e em benefício de sua sociedade. As escolas devem criar indivíduos autônomos; este é o objetivo final da educação. Ao incentivar a autoconfiança, as escolas ajudam os alunos a se tornarem adultos independentes. Isso leva à criação de novas formas de mudança social em suas comunidades (SANTOS; ALMEIDA, 2021).

As escolas precisam considerar o conteúdo que não pode transformar com as crianças. Eles também precisam prestar atenção a outras realidades que os alunos enfrentam fora de suas aulas. Isso



ocorre porque os indivíduos precisam reconhecer que existem outras realidades diferentes das suas.

A educação e a tecnologia sempre estiveram intimamente ligadas ao mundo mutável dos humanos. Desde os tempos pré-históricos, as pessoas aprenderam a interagir com seus ambientes por meios naturais. Eles usaram ilustração e escrita para se comunicar uns com os outros. A educação nessa época era organizada informalmente e o aprendizado era passado de professor para aluno dentro da comunidade. Não havia escola - em vez disso, a educação acontecia em casa através da experiência de vida (VIOLA; MACHADO, 2023).

O aprendizado agora pode ser separado em partes menores para facilitar a compreensão. A escrita é introduzida quando as pessoas percebem sua utilidade na educação. Isso leva ao desenvolvimento da linguagem oral – uma ferramenta que continua a apoiar a formação do poder da sociedade pelos futuros líderes. Após a invenção da escrita, o aprendizado mudou para fornecer orientação sobre ação moral e conselhos para seções compartimentadas do indivíduo.

Incentivando novas possibilidades, a escrita permite ao homem registrar e transmitir pensamentos, sentimentos e emoções por meio de símbolos e regras. É uma das invenções mais influentes da história da humanidade, pois permite que as pessoas se comuniquem e se mantenham informadas por meio de livros, manuais, jornais, e-mail, sites e muito mais.

A capacidade das câmeras de produzir imagens marca os avanços tecnológicos. Este primeiro passo permite que as câmeras registrem o mundo ao seu redor e impulsionem o desenvolvimento de novas câmeras para tecnologias mais recentes. À medida que as câmeras se tornaram mais populares, surgiram as tecnologias de rádio e televisão. Essas duas invenções mudaram a forma como as pessoas se comunicam, pois também funcionam como transmissores e receptores de sinais. Como resultado, a televisão transmite imagens em vez de sons – o que revoluciona o mundo da comunicação (VIOLA; MACHADO, 2023).

O aumento de computadores e dispositivos eletrônicos levou a um aumento na pesquisa e desenvolvimento no campo. Isso levou à substituição dos sistemas mecânicos de rádio e televisão. Além disso, essa tendência levou a um aumento no uso de eletrônicos em programas espaciais. Com



o advento da televisão, rádio e computadores, as pessoas podem acessar informações sobre eventos, fatos históricos, vida política, econômica e social de todo o mundo.

A internet oferece aos indivíduos um sistema de comunicação aberto que lhes permite interagir com o mundo. Isso permite que as pessoas percebam, mudem e criem novas sociedades, adicionando novos conhecimentos à sua educação. Ao criar mais oportunidades para todos, este novo sistema pode ajudar o homem a refletir, transformar e construir um novo mundo.

Quaisquer sugestões sobre o uso adequado de computadores ou vídeo devem permanecer coesas. Novas ideias e conceitos crescem com as diferenças culturais. No final dos anos 1990, a incorporação de novas tecnologias como ferramentas para a criação de aulas em sala de aula exigia uma compreensão do processo político. Isso significou criar um projeto pedagógico com finalidade não política, mas que reconhecesse seu processo de criação por meio da atividade de trabalho (SANTOS; ALMEIDA, 2021).

O trabalho pedagógico exige a criação de uma estrutura para educar que conjugue várias disciplinas. Isso requer familiaridade com múltiplas ferramentas tecnológicas, que são desenvolvidas por meio do estudo cooperativo. Minha compreensão do conhecimento e dos fenômenos materiais requer cooperação interdisciplinar, não pesquisa competitiva. Minha abordagem para a mudança social requer consideração de como as novas tecnologias podem ajudar nesse esforço.

Os avanços na tecnologia não têm sentido quando ignorados; em vez disso, as pessoas devem entender que o profissional da educação é o ator principal em qualquer processo de ensino-aprendizagem. Escolas, professores e alunos precisam entender o propósito ou a motivação por trás de suas aulas. Isso porque eles precisam contextualizar os materiais que utilizam para os trabalhos escolares. Estas devem ser feitas através de uma análise crítica da realidade e da criação de condições educativas que estimulem uma consciência crítica. Essas condições devem ser destinadas a mudar a sociedade.

Historicamente, a tecnologia tem sido um meio de comunicação, bem como uma construção social que mudou a forma como as pessoas se relacionam umas com as outras e suas culturas. Também revela a percepção do homem sobre a natureza e a criação da vida material. Isso leva à



compreensão das estruturas sociais, bem como à formação de ideias na mente. Karl Marx explicou esse fenômeno dizendo que a tecnologia é uma linguagem que as pessoas usam para se comunicar. Além disso, ele acreditava que a tecnologia transformou as relações econômicas e culturais ao longo do tempo (BACICH, 2018).

A tecnologia se infiltrou em residências, empresas, escolas e até governos. Provocou mudanças tecnológicas nos padrões sociais de comportamento, valores e culturas. A tecnologia inclui imprensa, rádio, TV, internet, telefone, fax e computador.

Precisamos olhar para nossos sistemas educacionais com uma perspectiva mais holística. Isso requer novos métodos e abordagens de aprendizagem que incorporem os princípios de diversidade, integração e complexidade na sociedade do conhecimento.

As mudanças tecnológicas exigem que as escolas ajustem seus processos educacionais para acomodar novos desenvolvimentos tecnológicos. Isso inclui novos métodos de ensino e aprendizagem, como a implementação de tecnologia na sala de aula. As escolas precisam considerar as especificidades de todos os participantes envolvidos na tecnologia educacional (professores, diretores, supervisores, coordenadores e equipe pedagógica) para criar um objetivo geral para a tecnologia. Isso exige que as escolas entendam suas necessidades em nível global, a fim de criar uma frente unida para a mudança tecnológica.

Novos empregos pedagógicos surgem graças às inovações tecnológicas na educação. Esses cargos ajudam a melhorar a qualidade de vida social dos alunos, estimulando-os a construir novos conhecimentos e a aprender a aprender. A mudança tecnológica ocorre rapidamente e afeta todos os setores. Isso inclui a educação, que luta para acompanhar as mudanças impostas pelas novas tecnologias (GODOI et al., 2020).

A inovação tecnológica e a criatividade do professor são vitais para melhorar a educação. Ninguém pode negar o impacto que a tecnologia teve nesse processo. Novos métodos não são tão importantes quanto aprender informações importantes e receber instruções em sala de aula. Os alunos devem usar seus cadernos e quadros-negros para entender completamente as informações que



estudam. Eles também devem usar recursos complementares, como pesquisas na Internet e viagens de campo.

A tarefa do professor é planejar e executar o seu trabalho, tendo em conta não só as inovações técnicas, mas também fatores essencialmente humanos como a educação, a formação e a cultura. A tecnologia existente, se usada de forma inteligente, levará à disseminação intensiva e à democratização do conhecimento e da informação. É sempre muito importante lembrar que para manter a atenção dos alunos é preciso estar atento ao seu dia a dia durante o planejamento, pois as aulas devem ser interativas e a tecnologia facilita muito esse processo (BARBOSA; SHITSUKA, 2020).

Apropriar-se do conhecimento do ambiente global constrói novas perspectivas sobre a tecnologia. Esse processo aumenta o status da tecnologia como recurso e demonstra os méritos pedagógicos de usá-la em sala de aula. Ao preencher a lacuna entre seu ambiente e o ambiente global, um aluno pode utilizar a tecnologia de maneira mais eficaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de recursos tecnológicos na sala de aula deve ser reconhecida como ferramentas valiosas para o ensino e a aprendizagem, e não como uma ameaça potencial ao papel do professor. O professor continua sendo uma conexão vital entre a tecnologia e os alunos, servindo como facilitador, organizador e instigador da curiosidade. À medida que surgem novas tecnologias, os professores enfrentam novos desafios no envolvimento com os seus alunos e na garantia de que o processo de ensino e aprendizagem permanece agradável. Isto é particularmente evidente em atividades que envolvem a prática de habilidades de linguagem escrita e oral.

A tecnologia deve estar alinhada com o propósito pretendido pela escola de fornecer aos alunos acesso a um método eficiente de aprendizagem. Isso porque as escolas devem espelhar a sociedade e os processos de produção nos quais se inserem. De uma perspectiva cultural, os seres humanos aprendem interagindo com sua cultura histórica. Ao organizar os pensamentos e manusear o



conteúdo mental, eles compreendem sua função de instrumento. Eles também entendem o significado de suas ações relacionando-as com a história de sua cultura.

Os alunos assumem o papel de participantes ativos em sua própria educação, trabalhando ao lado dos professores. Os professores usam intermediários, ou ferramentas de mudança educacional, para transformar um assunto específico em algo novo. Isso muda o objeto original de um receptor passivo de conhecimento para um criador ativo.

O professor atua como o principal conector entre os interesses e necessidades do aluno e o processo de aprendizagem, planejando, organizando e sugerindo uma direção para o estudo. Além disso, eles atuam como o elo entre ambas as partes por meio de seu papel de mediador fundamental.

O estudo incorporou uma pedagogia histórico-cultural, portanto, os educadores devem considerar quais mentalidades e habilidades cognitivas desejam desenvolver em seus alunos. Isso ocorre porque o desenvolvimento dessas características dará às crianças as ferramentas para transformar a cultura local, regional e global. Eles também serão capazes de aproveitar essas habilidades e aplicá-las a qualquer situação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Antonieta; AZEVEDO, Beatriz. Os Desafios que os Professores Encontram ao Incluir as Novas Tecnologias no Processo de Ensino. Educação (Re) Criação. João Pessoa: Ideia, 2021. p.110-134.

ANDRADE, Luiz Rafael. Letramento digital: entre elementos e debates conceituais. Simpósio Internacional de Educação e Comunicação-SIMEDUC, n.8, 2017.

BACICH, Lilian. Formação continuada de professores para o uso de metodologias ativas. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BARBOSA, R. A. S.; SHITSUKA, R. Uso de tecnologias digitais no ensino remoto de alunos da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental: relato de experiência. E-Acadêmica, Vargem



Grande Paulista, [S. l.], v. 1, n. 1, p.12, 2020.

CARVALHO, E. de F. G. de; SILVA, T. G. R.; SCIPIÃO, L. R. de N. P.; NETO, C. A. de A.; ANDRADE, W. M.; NETO, J. E. de O.; FERREIRA, A. D.; SANTOS, M. J. C. dos. As tecnologias educacionais digitais e as metodologias ativas para o ensino de matemática / Digital educational technologies and active methodologies for teaching mathematics. *Brazilian Journal of Development*, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 3153–3169, 2021.

FEITOSA, Girlene. Formação de professores e as tecnologias digitais: a contextualização da prática na aprendizagem. 1. ed. – Jundiaí [SP]: Paco Editorial, 2019. 200p.

FERREIRA, Verônica Moreira Souto; DE OLIVEIRA, Tálita Regina Henrique; DA SILVA, Maria Ivonaide Félix Duarte. Desafios em tempos de pandemia: o ensino remoto emergencial da educação física no ensino fundamental. In: *Anais do CIET: EnPED: 2020-(Congresso Internacional de Educação e Tecnologias| Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância)*. 2020.

GODOI, M. .; KAWASHIMA, LB.; GOMES, L. de A. .; CANEVA, C.. Ensino remoto durante a pandemia de covid-19: desafios, aprendizado e expectativa de professores universitários de Educação Física. *Investigação, Sociedade e Desenvolvimento*. Vargem Grande Paulista, [S. l.] , v. 9, n. 10, pág. e4309108734, 2020.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018 e-PUB.

SANTOS, Camila Santos dos; ALMEIDA, Maria Antonieta Pereira Tigre. Formação Continuada de Professores no Uso de Tecnologias Digitais. *Id on Line Rev. Psic.*, Outubro/2021, vol.15, n.57, p. 599-615.

VIOLA, A. M.; MACHADO, J. B. As tecnologias digitais de informação e comunicação (tdic) nas práticas pedagógicas dos professores de história da cidade de jaguarão: limites e potencialidades para o desenvolvimento da consciência histórica. *Revista Inter-Ação*, Goiânia, v. 48, n. 3, p. 727–742, 2023.





Capítulo 3

**FAMÍLIA E ESCOLA UMA PARCERIA
INDISPENSÁVEL PARA FORMAÇÃO DOS
ESTUDANTES DOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

**FAMÍLIA E ESCOLA UMA PARCERIA INDISPENSÁVEL PARA
FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

**FAMILY AND SCHOOL AN INDISPENSABLE PARTNERSHIP FOR THE
TRAINING OF STUDENTS IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY
EDUCATION**

Johnantan Candeia Limeira¹

Ana Karoliny Nery de Mendonça²

Antonio Marcos Cabral Herculano³

Maria José Isaac de Macêdo⁴

Alexsandra Lacerda de Caldas Trigueiro⁵

João Cavalcanti Ribeiro Junior⁶

1 Mestrando em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University (VCCU). Graduado em Análise e Desenvolvimento de Sistemas pela Universidade Pitágoras Unopar.

2 Mestranda em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University (VCCU). Graduada em Licenciatura Plena em Letras Inglês pela Universidade Vale do Acaraú Uma Vida (UVA) – UNIESP (2021).

3 Mestre em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University (VCCU). Graduado em Pedagogia Pela Faculdade Paraná (FAP).

4 Mestre em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University (VCCU). Graduada em Letras-Língua Portuguesa/Inglês pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru.

5 Mestra em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University (VCCU). Possui graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia com habilitação em Gestão Educacional pela Faculdades Integradas de Patos (FIP).

6 Doutorando em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University. Mestre em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University. Graduação em Licenciatura Plena em Geografia pela Fundação de Ensino Superior de Olinda e graduação em Licenciatura Plena em Eletricidade pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).



Resumo: O presente estudo tem como objetivo analisar a importância da relação família e escola para o processo de aprendizagem dos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental. No que se refere aos aspectos metodológicos, este estudo é do tipo bibliográfico, de nível descritivo e com enfoque qualitativo, desenvolvido a partir das contribuições de autores, como: Albuquerque e Aquino (2018), Piaget (2017), Boccato (2016), Garcia e Souza (2020), Lima e Chapadeiro (2015), Sampaio (2012). Assim, conclui-se então que, cada vez mais, as famílias estão confiando maiores responsabilidades às escolas, enfatizando assim o papel da família no desenvolvimento ético da criança. Esta investigação buscou analisar o processo de colaboração entre a família e a escola, bem como os principais desafios enfrentados nesta relação durante o percurso de ensino e aprendizagem das crianças. Somente com a colaboração de pais, educadores e uma equipe dedicada que trabalha para o futuro desta geração, podemos realmente contribuir de forma educacional e ética para a oferta de uma educação de qualidade, formando indivíduos comprometidos com o engajamento social. Em última análise, o conhecimento serve como uma troca emocional entre a família e a escola, e a execução de esforços efetivos é indispensável para o cultivo de uma experiência escolar próspera.

Palavras-chave: Família. Escola. Criança. Aprendizagem.

Abstract: The present study aims to analyze the importance of the family and school relationship for the learning process of students in the early years of Elementary School. Regarding methodological aspects, this study is bibliographical, descriptive and with a qualitative focus, developed based on the contributions of authors such as: Albuquerque and Aquino (2018), Piaget (2017), Boccato

⁷ Doutorado em Ciências da Educação pela Veni Creator Cristian University, (VCCU). Mestrado em Ética e Gestão pelo Ensino Superior em Teologia, (EST). Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Geremário Dantas. Licenciatura Plena em História - Faculdades Integradas de Patos (FIP). Tecnólogo em Gestão Pública pelo Centro Universitário Internacional. Bacharel em Teologia pela Faculdade de Ensino Superior, (FAES) e Bacharel em Teologia pelo Instituto Bíblico Betel Brasileiro.



(2016), Garcia e Souza (2020), Lima e Chapadeiro (2015), Sampaio (2012). Thus, it is concluded that, increasingly, families are entrusting greater responsibilities to schools, thus emphasizing the role of the family in the ethical development of the child. This investigation sought to analyze the process of collaboration between the family and the school, as well as the main challenges faced in this relationship during the children's teaching and learning journey. Only with the collaboration of parents, educators and a dedicated team working for the future of this generation, can we truly contribute in an educational and ethical way to offering quality education, forming individuals committed to social engagement. Ultimately, knowledge serves as an emotional exchange between family and school, and effective effort is indispensable to cultivating a prosperous school experience.

Keywords: Family. School. Child. Learning.

INTRODUÇÃO

A importância da família na formação do percurso educativo da criança é o foco deste estudo. É crucial que reconheçamos e sigamos certas diretrizes essenciais relativas à colaboração entre a escola e a família. A coexistência destas duas entidades tem sido enfatizada como um aspecto notável do panorama educacional nas escolas.

Reconhecendo a importância do envolvimento da família no sucesso acadêmico dos seus filhos, os educadores antecipam ansiosamente o envolvimento dos pais neste esforço. Eles esperam que os pais apoiem ativamente os seus filhos, ajudando-os nos trabalhos de casa, participando nas reuniões escolares e acompanhando atentamente o percurso educativo dos seus filhos. É importante ressaltar que a escola não espera que as famílias ensinem conteúdos educativos, mas sim que cumpram o seu papel de incentivar o envolvimento dos filhos nas atividades escolares. Ao assumir a responsabilidade de cada parte dentro da comunidade escolar e do processo educativo, é promovido um esforço colaborativo.



A importância de explorar a colaboração entre famílias e escolas no desenvolvimento e aprendizagem de uma criança justifica a investigação atual. A melhoria dos resultados da aprendizagem é fortemente influenciada pela dinâmica entre a família e a escola. Para estabelecer uma forte ligação entre as atitudes educativas e o envolvimento familiar, ambas as partes devem participar ativamente no ambiente académico do aluno. O valor do envolvimento familiar colaborativo torna-se evidente à medida que promove o desenvolvimento contínuo do aluno e fortalece o vínculo entre a família e a escola.

Enfatizando a importância de fomentar e promover o comportamento de cidadania entre as crianças, é crucial reconhecer o papel vital da família e da escola na facilitação desta integração. Os esforços colaborativos de todos os profissionais e instituições de educação são essenciais para garantir o sucesso tanto da família como da escola. Cada entidade deve cumprir as respectivas responsabilidades para atingir os objetivos pretendidos. O processo educativo só é promissor quando existe uma forte parceria entre a família e a escola. Assim, é imperativo sublinhar a importância da contribuição coletiva da família e da escola, bem como os seus papéis indispensáveis no quadro educativo mais amplo.

Deste modo, a presente pesquisa tem como problemática: Qual importância da relação família e escola para o processo de aprendizagem dos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Para garantir uma interação social harmoniosa, é essencial que a família e a escola estabeleçam objetivos compartilhados. A escola desempenha um papel crucial ao fornecer a base necessária para uma transferência educacional eficaz. Nesse esforço colaborativo, a família e a escola formam uma unidade coesa, trabalhando em conjunto para alcançar os resultados desejados. É imperativo que cada componente desse sistema integrado cumpra com suas respectivas responsabilidades para que os objetivos coletivos sejam alcançados com sucesso.

Assim sendo, este estudo tem como objetivo geral analisar a importância da relação família e escola para o processo de aprendizagem dos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental. E como objetivos específicos: Discorrer sobre o papel da família no processo de aprendizagem dos



estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental; Destacar as contribuições da escola no processo de formação dos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental; Evidenciar a parceria entre família e escola e suas contribuições para formação dos estudantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

No que se refere aos aspectos metodológicos, este estudo é do tipo bibliográfico, de nível descritivo e com enfoque qualitativo, desenvolvido a partir das contribuições de autores, como: Albuquerque e Aquino (2018), Piaget (2017), Boccato (2016), Garcia e Souza (2020), Lima e Chapadeiro (2015), Sampaio (2012).

REVISÃO DE LITERATURA

O PAPEL DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

O papel da família no desenvolvimento e integração da criança na sociedade é de grande importância. É no núcleo familiar que a criança estabelece seus vínculos e interações iniciais. Os pais carregam o peso de inúmeras obrigações tanto na vida pessoal quanto familiar, abrangendo responsabilidades psicológicas, sociais, financeiras e de cuidado dos filhos (DE DEUS; COGNETTI, BOCCATO, 2016).

A importância da família na promoção e incentivo da conduta cívica nas crianças exige o reconhecimento do papel da escola na facilitação desta integração. Para que tanto a família como a escola cumpram eficazmente os seus propósitos, é fundamental que estas duas entidades colaborem harmoniosamente para os objetivos educativos. O processo educativo só é promissor quando existe uma parceria sinérgica entre a família e a escola. Assim, é imperativo enfatizar a contribuição coletiva da família e da escola, bem como os seus papéis individuais no quadro educativo mais amplo.

A formação da personalidade de uma criança é significativamente impactada pela educação que ela recebe, conforme afirmam Lima e Chapadeiro (2015). O desenvolvimento da adaptação social



e cultural é influenciado principalmente pela família, mas vai além da relação pai-filho. As escolas também desempenham um papel fundamental neste processo, criando um ambiente interativo que permite aos pais contribuir ativamente para o crescimento individual dos seus filhos.

Assim, é fundamental sublinhar que, no que diz respeito ao envolvimento dos pais no contexto educativo, é essencial que a escola implemente estratégias que promovam e organizem esta parceria. O objetivo é cultivar um objetivo comum entre pais e educadores: trabalhar juntos de forma ativa e responsável na criação e educação das crianças. Como resultado, tanto a escola como os pais precisam de estar adequadamente preparados para colaborar de forma integrada no apoio ao progresso educativo da criança.

Segundo Lima e Chapadeiro (2015), é importante notar que as crianças que crescem sob a autoridade de pais rígidos muitas vezes apresentam tendências submissas, mas lutam com a autoconfiança. Essa correlação tem sido associada a uma maior vulnerabilidade à ansiedade, depressão e estresse. Por outro lado, as crianças criadas por pais permissivos muitas vezes apresentam comportamento antissocial e apresentam atrasos no seu desenvolvimento. Em total contraste, as crianças criadas por pais empenhados tendem a possuir um forte sentido de autoestima, a demonstrar respeito pelos outros e a sentir um profundo sentimento de apreço e afeto.

Segundo Silva e cols. (2013), existe um consenso geral de que o envolvimento dos pais no ambiente escolar desempenha um papel crucial na formação do desenvolvimento comportamental da criança. Ao participar ativamente, os pais podem resolver eficazmente os conflitos que possam surgir como resultado das tendências impulsivas dos jovens que priorizam a gratificação instantânea.

O envolvimento ativo dos pais na educação dos filhos continua a ser um elemento essencial para alcançar o sucesso académico, como sublinha Bencini (2013). Os educadores esforçam-se por atingir este objetivo final e apreciam muito o envolvimento colaborativo e atento dos pais, que apoia e melhora eficazmente o desempenho académico dos seus filhos.

O vínculo estreito entre a família e a escola é inegavelmente crucial, evidente na interligação destas duas entidades na definição da educação das crianças. Embora a família transmita lições valio-



sas, a escola também desempenha um papel significativo na facilitação do processo de aprendizagem.

Garcia e Souza (2020) enfatizam a importância de reconhecer que a escola não pode ser a única responsável pela educação, nem se pode esperar que ela ensine todos os aspectos do conhecimento. A família desempenha um papel vital na educação e nunca deve ser esquecida. Assim, ao selecionar uma escola, torna-se crucial estabelecer uma parceria forte entre estas duas entidades para garantir que a criança/aluno receba uma educação da mais alta qualidade possível.

Os melhores resultados são alcançados quando existe uma colaboração perfeita entre a família e a escola, resultando numa experiência de ensino e aprendizagem contínua e palpável. Por outro lado, se a família não participar ativamente neste esforço cooperativo, as crianças podem experimentar uma sensação de distanciamento e falta de apoio nos seus esforços educativos, o que pode impedir o seu crescimento holístico.

A importância do envolvimento da família na educação dos seus filhos é sublinhada por Bencini (2013), uma vez que exerce imensa influência sobre o desempenho académico, um objetivo fundamental para os educadores. O autor enfatiza o valor da observação ativa e da promoção do envolvimento dos pais, pois esta colaboração e atenção podem contribuir muito para o progresso escolar da criança, ao mesmo tempo que promovem um equilíbrio harmonioso.

É fundamental que haja um vínculo estreito entre a família e a escola, estando cada entidade interligada. A família assume a responsabilidade de transmitir a instrução inicial, enquanto a escola complementa esta educação, cada uma servindo o seu propósito distinto. Quando a família e a escola colaboram harmoniosamente, o processo de ensino e aprendizagem torna-se contínuo e frutífero, garantindo excelentes resultados. Por outro lado, se a família não se envolver ativamente no percurso educativo, a criança poderá experimentar sentimentos de negligência e incerteza, impedindo o seu desenvolvimento académico.

No âmbito da educação infantil, Garcia e Souza (2020) afirmam que cabe à escola e aos educadores o dever crucial de moldar e organizar a conduta ética das crianças pequenas. Isto implica transmitir-lhes os princípios sociais e culturais que serão indispensáveis no seu futuro, influenciando



assim a formação do seu carácter. Consequentemente, torna-se imperativo orientar as crianças para um desenvolvimento holístico à medida que lutam pela aceitação, autonomia, progresso pessoal, segurança e auto realização.

É evidente que os cuidadores e os pais têm um papel vital na promoção da autoestima da criança desde os primeiros anos de vida. Isto implica criar um ambiente que estimule o desenvolvimento da autoestima, bem como fomentar a aceitação e a empatia na formação da individualidade da criança. É crucial que os cuidadores ofereçam orientação e perspectiva sobre os diferentes obstáculos e interações que as crianças encontram diariamente, apresentando tanto os benefícios como os inconvenientes destas experiências.

Para garantir o crescimento e desenvolvimento ideal das crianças, é essencial proporcionar-lhes amor, carinho e envolvê-las em atividades educativas e recreativas. Criar um ambiente que favoreça o seu percurso académico e ofereça condições ideais é fundamental. Essa abordagem holística permite que as crianças prosperem, aumentando sua autoestima e cultivando um forte senso de identidade (ARAÚJO; BARROS, 2019).

Para garantir o progresso educacional da criança e a aquisição de conhecimentos, é fundamental que a escola evite críticas duras, cobranças excessivas, ações punitivas ou quaisquer ações que possam impedir sua jornada. Ao priorizar o estabelecimento de uma base sólida e de apoio para o desenvolvimento da personalidade nos primeiros anos, podemos efetivamente melhorar as suas capacidades e potencial. Esta abordagem construtiva auxilia no cultivo de valores e habilidades que contribuem para o desenvolvimento do seu carácter. Como resultado, a criança experimenta um crescimento pessoal, social e intelectual contínuo ao longo deste processo contínuo.

CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Segundo Dutra (2013), a experiência escolar vai além da simples aquisição de conhecimento;



também envolve interações sociais com colegas estudantes e funcionários. Como resultado, é crucial que o ambiente escolar seja concebido de forma a atender a todas as necessidades dos alunos, incluindo aspectos sociais, cognitivos e físicos. É importante ressaltar que a infraestrutura escolar deve sempre levar em consideração as atividades específicas que ocorrerão dentro de seus muros.

No documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (1999), o Brasil estabelece a responsabilidade do Estado em garantir determinado nível de qualidade de ensino. Isso implica fornecer aos alunos uma variedade e quantidade suficientes de recursos que são vitais para sua aprendizagem e desenvolvimento. Consequentemente, é evidente que as escolas ocupam uma posição inegável como um dos estabelecimentos mais importantes para a socialização da criança. Neste sentido, as escolas desempenham um papel fundamental na facilitação das interações com os pares e na aquisição de conhecimento e inteligência emocional. Assim, servem como ambientes indispensáveis para favorecer o crescimento e desenvolvimento das crianças.

Segundo Nascimento et al. (2021), para que um ambiente escolar físico integre com sucesso as práticas educativas modernas, é crucial que a sua infraestrutura e estética se alinhem com as normas sociais prevalecentes e o conceito de desenvolvimento humano. Isto implica que cada abordagem pedagógica estabeleça critérios específicos para as características físicas e ambientais que devem estar presentes nos espaços destinados a apoiá-la.

A promoção da curiosidade e da educação formal é um aspecto fundamental do ambiente escolar. Vai além dos limites do edifício escolar, incentivando a colaboração e inspirando os alunos a desenvolver os seus próprios recursos educativos. Esta abordagem enfatiza a importância de um espaço amplo, de estações de trabalho bem equipadas e da integração de tecnologia moderna para facilitar a reprodução de materiais escritos.

No âmbito dos projetos escolares, independentemente do tema em questão, a disposição das áreas de trabalho é cuidadosamente planejada através de abordagens específicas. No entanto, estas abordagens acabam por se tornar obsoletas e necessitam de modernização, o que muitas vezes não ocorre tão prontamente como deveria em relação aos espaços físicos. Por isso é vital contemplar a



construção de edifícios que reconheçam a adaptabilidade inerente ao empreendimento humano (ALBUQUERQUE; AQUINO, 2018).

Para alcançar a harmonia é fundamental estabelecer uma relação simbiótica entre o processo de ensino e a infraestrutura física da escola, como enfatizam Amaral e Breda (2013). O processo educativo está intrinsecamente ligado ao espaço físico da escola, que constitui uma parte significativa da vida dos alunos.

O impacto do ambiente escolar está intimamente ligado às políticas institucionais vigentes. É crucial notar que os modelos que limitam excessivamente as ações das crianças ou não atendem às suas necessidades de desenvolvimento são inadequados. Esses modelos suprimem ou moldam deliberadamente os comportamentos inatos e não guiados da criança (COLLI; LUNA, 2019).

A importância do ambiente físico numa escola não pode ser exagerada quando se trata de promover uma aprendizagem eficaz. Isso ocorre porque é nesse espaço que os alunos se envolvem com o entorno e entre si. Como resultado, é crucial dar a máxima importância ao estabelecimento de ambientes que promovam o crescimento da identidade e das capacidades individuais.

O ambiente físico proporcionado pelas escolas é muitas vezes negligenciado em termos da sua adequação às diferentes atividades e da sua localização, o que pode restringir a função social da escola. Diante disso, é necessário considerar as necessidades diárias dos alunos que passam longas horas na escola. Portanto, é crucial que as escolas criem espaços confortáveis que promovam um excelente ensino, aprendizagem e envolvimento social.

Benedicto e Teixeira (2020) realizaram um estudo abrangente sobre os fatores que impactam o desempenho acadêmico. Identificaram vários determinantes-chave, incluindo a educação dos pais, o rendimento familiar, a infraestrutura escolar e as características da comunidade. No entanto, os autores centraram-se especificamente no papel da equipa de gestão na formação da educação dos alunos e na criação de um ambiente de aprendizagem propício.

Ao destacar as interações da equipe gestora com toda a comunidade escolar, seu papel de mediação dentro da escola e sua troca de experiências com outras instituições de ensino, Benedicto e



Teixeira (2020) examinaram como a qualificação e a formação dessa equipe influenciam a proficiência dos alunos. Em última análise, os seus resultados revelaram uma correlação positiva entre estas variáveis.

Para promover uma compreensão profunda da qualidade do ensino e facilitar eficazmente a aprendizagem de todos os indivíduos, é crucial que o líder escolar possua as qualidades de articulação, proatividade e envolvimento ativo em questões pedagógicas. A função do diretor abrange supervisionar os aspectos administrativos, financeiros e pedagógicos da escola. Um quadro pedagógico qualificado serve de guia para garantir um ensino excelente através de um planejamento, monitorização e avaliação meticolosos do plano educativo. Além disso, o diretor é responsável por acompanhar o progresso dos alunos, professores e todos os outros membros da equipe escolar.

Em sua pesquisa, Tavares, Camelo e Paciência (2018) investigaram minuciosamente os fatores associados à desigualdade de notas nas escolas públicas brasileiras de ensino fundamental, com foco específico no 5º e 9º anos. O seu objetivo era analisar os elementos que influenciam os resultados da aprendizagem, diferenciando entre a influência de fatores externos e os esforços individuais. O estudo dá importância significativa ao desempenho dos administradores de rede e de escolas. As conclusões revelam que os esforços feitos por estes administradores têm o potencial de mitigar os efeitos das circunstâncias externas nas disparidades de notas. Assim, fica claro que a administração eficaz e a estrutura pedagógica da instituição de ensino desempenham um papel crucial na formação da aquisição de conhecimentos pelos alunos, sublinhando a importância do papel do diretor da escola.

PARCERIA FAMÍLIA E ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

De acordo com Garcia e Souza (2020), a escola tem seu regulamento e doutrina para formar seus estudantes, mas se faz necessário o estreitamento da relação escola e família, para que de fato o trabalho seja executado e traga bons frutos. Tendo em vista que ambas possuem o mesmo objetivo



que se refere a uma melhor formação das crianças para o futuro é evidente que os deveres da família têm suas particularidades em relação aos da escola, mas para concretização de uma boa formação dos estudantes, há a necessidade que a escola e a família estejam em conciliação.

Para Piaget (2017, p. 19) “[...] a família e a escola são corporações com funções diferentes, mas que se complementam na formação do ser humano [...]”. Como se completam numa ligação íntima, entre ambas é necessário, que aconteça a separação de deveres, fazendo com que os pais tenham interesse na vida escolar dos seus filhos, pois muitas famílias querem fazer desvios de suas funções para os professores.

Em concordância com o que apresenta Piaget, é mister frisar mais uma vez que, apesar da escola e da família assumirem papéis distintos é de grande importância que ambas tenham uma parceria para que seus objetivos sejam atingidos, é indispensável que cada uma conheça a realidade da outra para que não aconteçam tantas divergências entre elas, compreendendo pensamentos diferentes e centralizando no principal objetivo que é formação do filho/estudante, pois, qualquer conflito atinge diretamente no desenvolvimento da criança ou adolescente (TAMIRES; CHECHIA, 2016).

Contudo, conforme explana Sampaio (2012), as famílias muitas vezes não entendem que é crucial seu acompanhamento no desenvolvimento da aprendizagem dos seus filhos, de como essa atitude vai contar no rendimento. É essencial que as famílias estabeleça o hábito de estar presente na escola construindo laços e assim passando confiança, sabendo que a tarefa de construção da criança para ser um adulto preparado para o mundo é longa e não será possível ser construído de forma individual, precisando do apoio da instituição escolar e dos familiares que são as duas instituições que servem de pilar de sustentação para formação do ser humano.

A qualidade da relação família e escola é que vai determinar a evolução da criança no desenvolvimento da aprendizagem e no seu comportamento como ser humano.

Silva et al. (2013) afirma que todo corpo pedagógico pode contribuir para ir acabando com as adversidades entre os responsáveis e os educadores e melhorar nas exigências do acompanhamento na evolução da criança em todos os aspectos, não apenas escolar. Isso pode ser feito por convites



para que os pais visitem a escola, com reunião de pais mesmo que não se atinjam cem por cento dos objetivos em determinada reunião, mas com persistência e sempre conscientizando e mostrando os resultados positivos, cada vez mais proporcionando um elo saudável e proveitoso.

Almeida (2014), assinala que as instituições sempre se questionam quais ações devem ser tomadas para facilitar a relação do professor com seus estudantes e a família. Não há uma resposta concreta para esses questionamentos, pois todo o sistema pedagógico deve se unir para criar meios que as famílias venham colaborar com a vida escolar dos filhos/estudantes, fazendo com que cada um faça sua parte na educação sendo construída por grupos compostos pela família, escola, professores, estudantes e a própria sociedade.

Muitas vezes quando se fala em relação à família e a escola as pessoas associam apenas os pais e os professores, mas se faz necessário que todos os membros da escola se unam para fazer esse elo acontecer de forma que traga bons resultados, por meio de campanhas de conscientização que devem ser feitas com frequência. Há famílias que se interessam em está presente na escola, porém as instituições nem sempre procuram meios de melhorar essa interação.

A atividade de parceria possibilita mais tranquilidade e atributos na aprendizagem dos estudantes, fazendo com que se tornem bons cidadãos, aptos a enfrentar as adversidades do meio social, apesar de muito importante é difícil de ser trabalhado, mas deve ser ocorrer em parceria, priorizando o desenvolvimento da inteligência emocional, empatia, do trabalho em equipe, cumprimento de regras, respeito ao espaço do outro. Esses atributos devem ser construídos pela escola e na família nos estudantes.

Albuquerque e Aquino (2018), destacam que, a importância da família e da escola na formação do desenvolvimento social de um indivíduo está bem documentada. Embora difiram em seus papéis e funções, eles trabalham em harmonia para criar um ser social completo.

Assim, compreende-se então que, a participação ativa das famílias no contexto educativo é reconhecida como uma exigência moderna premente e muito procurada por todos os intervenientes da comunidade escolar.



Garcia e Souza (2020) acrescenta ainda que, a parceria entre a família e a escola continua valiosa, pois ambas as entidades dependem uma da outra para o desenvolvimento integral do indivíduo. O ambiente familiar serve como base para incutir os valores e hábitos iniciais em um indivíduo. Essa coexistência é crucial para preparar a criança para uma transição perfeita para o ambiente escolar, promovendo relacionamentos positivos e disciplina entre colegas e professores.

Deste modo, observa-se que, a escola desempenha um papel crucial na promoção da educação ética para crianças e jovens. Na sociedade de hoje, isso representa um desafio significativo para as escolas, pois sua responsabilidade vai além da mera instrução. Implica proporcionar experiências significativas que dotem crianças e jovens com as habilidades necessárias para navegar e contribuir para a sociedade.

Além disso, Lima e Chapadeiro (2015) destaca que, vale a pena notar que a educação não se limita apenas aos limites da escola. Cabe ao sistema educacional colaborar com o vasto acervo de conhecimentos acumulados ao longo da história da humanidade.

Além disso, desempenha um papel crucial na formação do desenvolvimento ético das gerações futuras. É importante reconhecer que o processo de educação não se limita à sala de aula, mas também é influenciado pelos valores e ensinamentos transmitidos na unidade familiar.

Diante disso, Sampaio (2012) diz que é fundamental que a escola priorize tanto a formação intelectual do aluno quanto seu desenvolvimento como membro autônomo e engajado da sociedade. Reconhecendo que a responsabilidade da escola vai além de transmitir conhecimento, é imperativo promover o crescimento ético que se alinhe com as necessidades das gerações futuras.

Nesse sentido, a família desempenha um papel fundamental na educação e na participação ativa na jornada educacional de seus filhos, permitindo-lhes navegar na realidade e estabelecer princípios enquanto se engajam em ações coletivas.

Bocato (2016) assinala que, a questão da insuficiente participação da família no ambiente escolar tem sido amplamente debatida no meio acadêmico, explorada por conceituados estudiosos de áreas como Pedagogia, Psicologia e Educação, e também abordada pela LDB. No entanto, encontrar



uma resposta definitiva para a questão do envolvimento da família nas escolas continua sendo uma questão complexa.

Assim, a participação é um conceito multifacetado que engloba várias dimensões, como aspectos sociais, pessoais, históricos, políticos, entre outros. Portanto, enfatizo a importância de estabelecer uma forte parceria entre escolas e famílias. Através desta colaboração, escola e família podem contribuir para o desenvolvimento, especificamente no domínio da educação de alunos e crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada lança luz sobre a importância vital da família na formação do crescimento do aluno no ambiente educacional. É no contexto familiar que as crianças encontram uma multiplicidade de experiências, iniciando o seu percurso de aprendizagem e desenvolvimento pessoal, nomeadamente em termos de valores éticos e morais. Por outro lado, o ambiente escolar serve como catalisador para estimular ainda mais este desenvolvimento inicial, promovendo ativamente a educação holística e inculcando a paixão pela leitura desde tenra idade.

No processo de ensino e aprendizagem, tanto educadores como alunos dirigem a sua atenção não apenas para o conteúdo académico, mas também para o ambiente familiar que promove uma sensação de segurança nos jovens alunos. Ao envolverem-se ativamente nas experiências educativas dos seus filhos, as famílias demonstram um investimento sincero na sua viagem escolar global, abrangendo o ambiente envolvente. Este envolvimento activo incute um sentimento de encorajamento e estabilidade nas crianças, permitindo-lhes florescer e avançar no seu crescimento educacional.

Sem dúvida, a formação do carácter e da personalidade de uma criança é fortemente influenciada pela presença da família. É no seio da unidade familiar que as crianças cultivam um sentido distinto de ligação com os outros, promovendo o crescimento de laços emocionais e um sentido de empatia profundamente enraizado. Além disso, o ambiente familiar serve como uma base sólida para transmitir valores éticos às crianças.



Para obter uma compreensão abrangente das experiências dos alunos, as escolas devem empreender uma exploração aprofundada da multiplicidade de elementos que contribuem para a desestabilização das suas unidades familiares. A ausência de uma base estável é influenciada não apenas pelo contexto histórico distinto de cada família, mas também pelo contexto histórico mais amplo em que se situam. Para resolver este problema, as escolas devem adotar uma abordagem personalizada que possa atender e cumprir as necessidades específicas de cada aluno, tudo com o objetivo final de promover o crescimento e o avanço pessoal. Esta abordagem deve priorizar o processo educacional, garantindo que ele seja adaptado às necessidades individuais dos alunos.

Devido às suas obrigações profissionais, muitos pais dedicam a maior parte do seu tempo às suas carreiras, o que leva a um envolvimento mínimo com os filhos. Lamentavelmente, esta falta de presença tem o potencial de gerar um vazio emocional na vida dos seus filhos. A unidade familiar funciona como um porto seguro onde o desejo de estabilidade da criança é satisfeito, promovendo o crescimento da nossa capacidade inerente de vivenciar o afeto.

Reconhecendo a importância da unidade familiar, a instituição educativa deve incorporá-la ativamente nas suas operações diárias. Uma forte parceria entre a família e a escola é crucial para promover o desenvolvimento da criança, tendo em conta as qualidades únicas e os numerosos atributos partilhados destes dois ambientes que a rodeiam. Esta colaboração é especialmente vital quando se trata de vários aspectos da educação, abrangendo o ensino e a aprendizagem.

Uma experiência escolar próspera só pode ser alcançada através dos esforços combinados de pais, educadores e uma equipa dedicada que trabalha para o futuro desta geração. Ao colaborarmos juntos, podemos dar uma contribuição genuína e ética para fornecer educação de qualidade e formar indivíduos que se dedicam ao envolvimento social. Em última análise, a troca de conhecimentos entre a família e a escola é emocional e requer um esforço efetivo para cultivar uma jornada educacional bem-sucedida.



REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, J. A.; AQUINO, F. S. B. Psicologia escolar e relação-família escola: um levantamento da literatura. São Paulo. Psico-USF, Bragança Paulista. v. 23, n. 2. 2018.

ALMEIDA, Emanuelle Bonácio. A relação entre pais e escola: a influência da família no desempenho escolar do aluno. 2014. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Pedagogia) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas- SP, 2014. Disponível em: file:///C:/Users/User/Desktop/Projeto%20de%20TCC/ AlmeidaEmanuelleBonáciode_TCC.pdf. Acesso em: 20 abr. 2024.

AMARAL, G. L.; BRENDA, A. Relação entre família e a escola: um estudo de caso em uma escola de educação infantil no município de São Francisco de Paula-RS. PUCRS. II Seminário internacional de representações sociais, subjetividade e educação. 2013. Disponível em: < https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/8851_4889.pdf> Acesso em: 15 jun. 2023.

BENCINI, Roberta. Como atrair os pais para a escola. Revista Nova Escola. p.38. Ano XVIII, nº 166, Outubro de 2013.

BENEDICTO, B. V.; TEIXEIRA, E. C. O efeito do perfil do diretor escolar sobre a proficiência dos alunos no estado de Minas Gerais. Economia Aplicada, v.24, n.1, p.5-28, 2020.

BOCCATO, Taiane Andrade. Reflexões sobre a relação família e escola: considerações a partir da psicologia historicocultural. Revista Perspectivas do Desenvolvimento: um enfoque multidimensional, v. 04, n. 05, 2016.

BRASIL, MEC/SEMT, Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Brasília, 1999.

COLLI, D. R.; LUNA, S. V. Práticas de integração família-escola como preditora do desempenho escolar dos alunos. São Paulo. Psicologia: Ciência e profissão. v.39, n. 2, 2019.

DE DEUS, D. B.; COGNETTI, N. P.; BOCCATO, T. A. Reflexões sobre a relação família e escola: considerações a partir da psicologia histórico-cultural. Rev. Perspectivas do Desenvolvimento: um enfoque multidimensional, v. 4, n. 5, Agosto, 2016.



DUTRA, Andréia Lima Pereira. *Parceria escola e família: relatos de experiência*. Alexânia/GO, Março de 2013. 40 páginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/5352>. Acesso em: 20 abr. 2024.

GARCIA, Wada, M. I; SOUZA, M. T. S. de. A relação família-escola. *Interação. Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão*, v.22, n.1, p.72 – 86, 2020.

HENRIQUES, Salette Terezinha Santos. *A influência do gestor (diretor) no sucesso da aprendizagem do aluno*. Santa Maria – RS, Brasil, 2005. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/2150/Henriques_Salette_Terezinha_Santos.pdf?sequence=1&isAllowed=y#:~:text=Para%20que%20a%20escola%20seja,clientela%20que%20freq%C3%BCenta%20a%20escola. Acesso em: 20 abr. 2024.

LIMA, T. B. H.; CHAPADEIRO, C. A. *Encontros e des(encontros) no sistema família-escola*. São Paulo. *Revista quadrimestral da associação Brasileira de Psicologia escolar e educacional*. v. 19, n. 3. 2015.

NASCIMENTO, Francisco Elionardo de Melo; PAIVA, Maria Raele Fernandes; FROTA, Ricardo Costa; SOUSA, Mary Helen Aragão. *A relação família e escolano processo educativo: uma revisão integrativa*. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, v. 32 n. 2, p.01-24, 2021.

PIAGET, Jean. *Para onde vai à educação?* Rio de Janeiro: José Olímpio, 2017.

SAMPAIO, T. L. *A importância da relação família e escola na formação do aluno*. Fortaleza – CE, 2012.

SILVA, M. V. M et al., *A importância da relação escola-família para a aprendizagem e a intervenção psicopedagógica*, são Paulo, 2013.

TAMIRES, P. CHECHIA, V. A. *Envolvimento da família com a escola: uma análise a partir da intervenção com grupos de pais*, Rev. Fafibe On-Line, Bebedouro SP, 2016.





Capítulo

4

**A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO ESCOLAR
NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO ESCOLAR NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

THE IMPORTANCE OF SCHOOL ASSESSMENT IN THE TEACHING- LEARNING PROCESS

Paulo Sergio De Moraes¹

Resumo: O presente estudo tem como objetivo geral analisar a importância da avaliação escolar no processo de ensino-aprendizagem. No que se refere a justificativa para escolha pelo tema, no diz respeito a sua relevância e pertinência, como um elemento próprio e indissociável do processo ensino aprendizagem, a avaliação assume diferentes características e objetivos na escola, ela se concentra em parte dos casos no campo dos resultados, preocupada com a medição do aprendizado, e até mesmo coma punição daqueles que não atenderam os objetivos proposto e dificilmente é vista como elemento de ensino e aprendizagem. Este assunto pode contribuir para reflexão do processo avaliativo, numa perspectiva que veja a avaliação para além de um problema dos professores, mas sim como uma discussão que pode contribuir para um melhor conhecimento dos problemas educacionais, que através de processos fragilizados de avaliação podem levar ao fracasso escolar, aprendizagem deficitária, sem contribuir para a formação de jovens cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade. O estudo realizado trata-se de uma pesquisa bibliográfica, ao qual, utilizou-se de livros, artigos, entre outros estudos como embasamento teórico. A avaliação dos alunos com base em testes escritos tem limitações significativas. Muitas escolas usam esses testes para avaliar a capacidade dos alunos, em vez de seu conhecimento. Os professores acham difícil avaliar os resultados mais importantes de seu ensino, como compreensão, originalidade e habilidades de resolução de problemas. Isso ocorre porque

¹ Mestre em Ciências da Educação pela Veni Creator Christian University (VCCU). Graduado em Letras-Português e Inglês pela Universidade do Contestado (UnC)



a maioria dos exercícios em livros didáticos e tarefas dadas pelos professores concentram-se nessas qualidades. Escolas, professores e pais precisam de provas quantitativas e qualitativas dos resultados de aprendizagem de seus alunos para avaliar o trabalho realizado. Essas ferramentas incluem testes escritos e outros métodos de verificação. Por mais que um professor se esforce para incutir motivação em seus alunos, ele nunca conseguirá inspirá-los por conta própria a estudar. As crianças precisam de estímulos externos para exercitar suas energias físicas e intelectuais.

Palavras-chave: Avaliação. Escola. Aprendizagem.

Abstract: The general objective of this study is to analyze the importance of school assessment in the teaching-learning process. With regard to the justification for choosing the topic, with regard to its relevance and pertinence, as a proper and inseparable element of the teaching-learning process, the assessment takes on different characteristics and objectives in the school, it focuses on part of the cases in the field of results, concerned with measuring learning, and even punishing those who did not meet the proposed objectives and is hardly seen as an element of teaching and learning. This subject can contribute to reflection on the evaluation process, from a perspective that sees evaluation beyond a teacher problem, but rather as a discussion that can contribute to a better understanding of educational problems, which through weakened evaluation processes can lead to school failure, poor learning, without contributing to the formation of young critical citizens aware of their role in society. The study carried out is a bibliographical research, which used books, articles, among other studies as a theoretical basis. Assessment of students based on written tests has significant limitations. Many schools use these tests to assess students' ability rather than their knowledge. Teachers find it difficult to evaluate the most important outcomes of their teaching, such as understanding, originality and problem-solving skills. This is because most exercises in textbooks and assignments given by teachers focus on these qualities. Schools, teachers and parents need quantitative and qualitative evidence of their students' learning outcomes to evaluate the work done. These tools include written tests and other verification methods. No



matter how hard a teacher tries to instill motivation in his students, he will never be able to inspire them to study on his own. Children need external stimuli to exercise their physical and intellectual energy.

Keywords: Assessment. School. Learning.

INTRODUÇÃO

A avaliação pode se dá em diferentes vertentes, como parte do próprio processo e aplicada pelo professor. Esse tema tem sido pesquisado e discutido entre os educadores que se preocupam com a oferta de uma educação de qualidade, onde muito mais do que o acesso do aluno à escola, lhe seja garantida a permanência e o sucesso do aluno em sala. Atentos a importância de se avaliar a qualidade da educação o Ministério da Educação a nível nacional criou o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) (1990), posteriormente complementado com a Prova Brasil (2005) e a consequente constituição do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) em 2007. Tais iniciativas do MEC demonstram a importância do tema avaliação no processo ensino aprendizagem.

Alguns estudos sobre o tema avaliação apontam que existe uma necessidade de se rever os modelos avaliativos e os instrumentos de avaliação adotados atualmente na escola. Nesse contexto, deve-se se o professor deve considerar que para realizar a avaliação, alguns aspectos que interferem na condução do seu processo avaliativo, ou seja, os dados relevantes que permitam o reconhecimento da aprendizagem do aluno, a forma de avaliar que mais se aproxime e melhor atenda à metodologia trabalhada em sala de aula.

Avaliação é um tema indissociável do processo de ensino aprendizagem, sua complexidade transcende os diferentes níveis e modalidades da educação. Contudo, a pesquisa buscará responder a seguinte problemática: Qual a importância da avaliação escolar no processo de ensino-aprendizagem?

Pesquisar sobre avaliação da aprendizagem, é de suma importância, pois possibilita, a partir de questionamentos, configurar reflexões sobre as práticas avaliativas dos professores, verificando as



diferentes perspectivas que promovam a produção de conhecimentos, contribuindo para a qualidade de ensino na formação cidadã dos alunos.

O presente estudo tem como objetivo geral analisar a importância da avaliação escolar no processo de ensino-aprendizagem.

No que se refere a justificativa para escolha pelo tema, no diz respeito a sua relevância e pertinência, como um elemento próprio e indissociável do processo ensino aprendizagem, a avaliação assume diferentes características e objetivos na escola, ela se concentra em parte dos casos no campo dos resultados, preocupada com a medição do aprendizado, e até mesmo com a punição daqueles que não atenderam os objetivos proposto e dificilmente é vista como elemento de ensino e aprendizagem.

A relevância acadêmica do tema se dá pela pretensão de realizar uma pesquisa dentro de um âmbito ainda pouco explorado que é justamente a avaliação. Trazendo contribuições para a reflexão de professores e estudiosos sobre a temática, e considerando que novos modelos avaliativos podem ser explorados e utilizados com melhor eficácia, vencendo velhas práticas arraigadas a avaliação escolar no ensino médio.

Este assunto pode contribuir para reflexão do processo avaliativo, numa perspectiva que veja a avaliação para além de um problema dos professores, mas sim como uma discussão que pode contribuir para um melhor conhecimento dos problemas educacionais, que através de processos fragilizados de avaliação podem levar ao fracasso escolar, aprendizagem deficitária, sem contribuir para a formação de jovens cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

A pesquisa parte das inquietações deste pesquisador enquanto professor do ensino médio, e das vivências com outros educadores, onde a avaliação, tema de reuniões e conselhos de classe, sempre se mostra como um ponto de fragilidade e discordâncias.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

OS TIPOS DE AVALIAÇÕES E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM



No que concerne às denominações, podemos dizer que o modelo de avaliação na forma escrita confunde-se, para muitos, com o próprio ato de avaliar em si, sendo equiparado quase que a um método ou modelo a ser seguido por todos que esperam um bom rendimento. É comum vermos nas instituições e na boca de alguns profissionais em educação a confusão que existe em relação ao método avaliativo e o que a sua prática realmente quer dizer (ARREDONDO; DIAGO, 2009).

Segundo Arredondo e Diago (2009), instrumento avaliativo é uma ferramenta específica ou um material estruturado que é aplicado para o recolhimento de dados, de um jeito sistematizado e objetivo. O autor esclarecendo relatando que o instrumento avaliativo é o recurso necessário que se utiliza de uma técnica específica, ou seja, o professor necessita fazer a escolha correta de um instrumento que o mesmo possa lhe trazer dados do conhecimento do aluno que sejam relevantes e claros.

Se faz necessário que o professor conheça os diversos instrumentos avaliativos, para que possa saber utilizar de forma coerente onde em cada processo de avaliação, conforme já foi mencionado a própria LDB Lei 9394/96 enseja que, a avaliação possa ser contínua, seguindo tais normas, o professor avalie constantemente seus alunos. Sendo assim, o professor não deve buscar apenas um único instrumento avaliativo, mas sim utilizá-los em variação para que possa ser mais eficaz na verificação processual da aprendizagem dos alunos. Sobre a variação do uso dos instrumentos avaliativos para a aprendizagem, a legislação da educação brasileira em vigor, afirma que:

Art. 13. Os docentes incumbir-se-ão de:

- I - participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- II - elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- III - zelar pela aprendizagem dos alunos;
- IV - estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;
- V - ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;

Conforme o primeiro inciso do artigo citado acima é necessário utilizar de proposta peda-



gógica que vem a ser essa, uma composição da variação dos instrumentos avaliativos, para enfim promover então uma melhor qualidade de ensino ao aluno.

Para melhor exemplificar o sentido que este método de avaliação recebe, iniciaremos (inicia-se) pela semântica da palavra de acordo com o minidicionário escolar da língua portuguesa Rios (2009, p. 17), onde encontra-se:

1. Aquilo que mostra a veracidade ou realidade. 2. Testemunho. 3. Sinal, indício. 4. Documento justificativo. 5. Porfia. 6. Concurso. 7. Exame ou cada uma das partes dele. 8. Experiência, ensaio. 9. Verificação de uma operação aritmética. 10. Ato de ingerir ou degustar pequena porção de comida ou bebida para experimentar-lhe o paladar. 11. Transe doloroso ou provação. 12. Folha impressa em que se fazem correções tipográficas. 13. Experiências para verificar se a roupa assentará bem. 14. Competição entre esportistas, que consiste em corrida.

O que fica claro, dentro de tal análise com descrição na língua é que a prova não constitui-se como meio de avaliar o aluno em todos os aspectos. E no mais, ela pode ser diversas vezes nem mesmo adequada para caracterizar ou a não efetiva aprendizagem do estudante no processo de educação. Geralmente, caso o docente ache necessário, pode utilizá-la como diagnóstico inicial da turma, para ter como ponto de referência de o que melhorar em aspectos qualitativos a sua atividade dentro da sala de aula.

Com base na estrutura desta palavra e sua serventia no decorrer do tempo, podemos ainda citar como fator vivo, a sua cientificidade, ou seja, seu caráter de mensurar por meio de uma metodologia científica a veracidade de determinados fatos, ações ou objetos. Neste sentido tem-se que a escola e o professor ao exercitar essa prática, estão de certo modo comparando o aluno e toda sua capacidade a meros fatores de fácil aferição, suscetíveis de medidas comuns como critérios de aprovação e reprovação a partir de um indicador comum, ignorando toda e qualquer singularidade inerente à raça humana.

Arredondo e Diago (2009), cita alguns instrumentos que o professor deve conhecer e fazer



o uso em sala de aula, como: a observação sistemática, trabalhos em classe, exames escritos, provas, entre outros, dessa maneira cabe ao professor analisar e verificar qual o melhor instrumento para coletar os dados de conhecimento de seus alunos, principalmente considerando a abordagem de ensino utilizada no decorrer de suas aulas.

Com essas considerações, pode-se fazer uma comparação em relação a abordagem tradicional, onde os alunos deveriam apenas memorizar o conteúdo, os testes na abordagem tradicional era do uso para a punição onde a nota está acima do conhecimento, portanto não participavam do processo de ensino - aprendizagem, pois para que a aprendizagem ocorra é necessário que o aluno tenha adquirido o conhecimento e isso não ocorria na abordagem tradicional (BARRIGA, 2003).

Atualmente, se tem o entendimento que o objetivo do professor é buscar que o aluno aprenda e compreenda o conteúdo e não apenas memorize, para que essa aprendizagem ocorra o professor deve ampliar sua forma de avaliar, não escolhendo um instrumento único que julgue ser melhor ou pior, mas considerando podem ser eficazes dependendo de como o professor formulá-los e aplicá-los (BRANDÃO, 2007).

Para Moretto (2010), este instrumento é considerado por muitos alunos e professores um mostro, entulho da educação, atraso pedagógico, entre outros aspectos, dessa maneira o autor relata que não é acabando com a prova que o processo de avaliação terá melhorias, mas sim dando um outro sentido no instrumento avaliativo.

Já Vasconcellos (2010), também comenta sobre a mudança do sentido do uso deste instrumento, considerando que é necessário que haja uma mudança no comportamento do avaliador em sala de aula, onde o professor busque uma finalidade no instrumento, e não aplicá-lo meramente para satisfazer o processo de avaliação da aprendizagem.

A prova pode ser um instrumento eficiente em sala de aula como afirma Sanmartí (2009, p.19):

A prova pode ser um instrumento regulador, pois evidencia erros e dificuldades e este deve ser visto como objeto de estudo e não como rejeição e puni-



ção. É importante entender que quando detectamos os erros que os alunos cometem, podemos propor-lhes tarefas complementares, revisar nossa forma de ajudá-los a compreender como e por que devem realizar determinadas tarefas.

Sendo assim, o professor precisa associar o uso do instrumento para não transformá-lo em um acerto de contas, onde geralmente alguns professores fazem da prova um meio de controlar a disciplina e dominar os alunos rebeldes, contribuindo para o desinteresse pelas aulas, pois com essas atitudes dos professores os alunos ficam desmotivados a estudar. Luckesi (2010, p. 165) esclarece que:

A avaliação no ensino assumiu a prática de provas e exames; o que gerou um desvio no uso da avaliação. Em vez de ser utilizada para a construção de resultados satisfatórios, tornou-se um meio para classificar os educando e decidir sobre os seus destinos no momento subsequente de sua vidas escolares. Em consequência desse seu modo de ser, teve agregado a si um significado de poder, que decide sobre a vida do educando, e não um meio de auxiliá-lo ao crescimento.

Na citação acima se pode constatar que a imposição de prova e exames aplicadas aos alunos assume o papel do uso da avaliação, esse ato gera um desvio no uso correto da avaliação causando ao aluno certa consequência no seu desenvolvimento escolar não sendo satisfatório na sua aprendizagem.

De acordo com Vasconcellos (2010), as provas causam muitos conflitos, alguns professores dizem que as provas dissertativas são ruins e outros dizem o mesmo das provas objetivas, onde cada instrumento é aplicado de forma diferente, sendo considerado que dentro de cada instrumento existem conteúdos e posturas para serem trabalhadas, pois esses instrumentos aplicados de forma coerente ao aluno apresentam resultados mais satisfatórios.

Vasconcellos (2010) faz os seguintes questionamentos referentes a provas, Quais são os problemas deste tipo de avaliação? Seria a prova um bom instrumento de avaliação? Na pesquisa do autor sobre como a prova vem sendo colocada pelos professores nas escolas, (p.125): aqui colocado para exemplificar a temática:



- * Dia marcado, duração rigidamente cronometrada, matéria determinada, papel especial, sempre individual e sem consulta;
- * Relação de desconfiança, distanciamento professor-aluno (Hoje esqueci tudo, A interpretação faz parte da prova, Agora é com vocês);
- * Pressão durante a resolução, complexidade maior que no cotidiano, feita para pegar o aluno, ver o que ele não sabe;
- * Apenas para gerar uma nota, tendo peso decisivo na média final;
- * Anunciada com antecedência como forma de ameaça;
- * Em cima de conteúdos de validade duvidosa; cumulativa para obrigarem os alunos a estudarem (= decorarem) matéria anterior;
- * Com o objetivo de ser um documento-álibe do professor (junto aos pais e a escola) na guerra contra os alunos.

Dessa maneira a avaliação deixa de ser aprendizagem e passa a ser considerada um ‘provação’ do saber do aluno, onde a prova é aplicada com o intuito de provar o aluno, e não como meio de verificar a aprendizagem, considerando-se, portanto a necessidade de ocorrerem mudanças no processo avaliativo como relata Moretto (2010), onde professor possa saber manusear os instrumentos avaliativos e escolher qual o melhor momento de utilizá-lo, o autor explica que o professor deve saber elaborar uma boa prova, contextualizando com os objetivos propostos, fazer perguntas de forma clara e precisa, colocando na prova apenas perguntas relevantes, e não colocar pegadinhas. Para o autor, o professor precisa ter outra concepção no momento da prova, o mesmo mostra a concepção de prova para os alunos:

Só se estuda se tiver prova.
 Só se estuda para a prova.
 Só se estuda se cair na prova.
 Só se estuda o que cair na prova (RONCA 1991 p.38).

Analisando assim, a prova é um momento privilegiado da aprendizagem, basta o professor saber utilizá-la onde os alunos possam realmente fazer desse momento avaliativo também um momento de aprendizagem.

Para que a prova tenha sucesso, o professor deve fazer do momento algo favorável, Moretto



(2010, p.31), argumenta que não são raros os alunos que dizem na hora da prova:

Professor, eu sabia tudo, eu estudei tudo, mas na hora da prova me deu branco, isso ocorre, onde no momento da prova os alunos passam por diversos sentimentos como a ansiedade, medo, angústia, alegria, tensão entre tantos outros, que fazem surgir no aluno o branco, que nada mais é que um apagão na memória em virtude do estado emocional. Dessa maneira cabe ao professor também fazer com que os alunos se sintam tranquilos no momento da avaliação, tirando a pressão da nota exercida sobre eles.

Dessa forma se a prova for utilizada de maneira correta, com o objetivo de verificar a aprendizagem dos alunos, e que os erros e dificuldades possam ser detectados, para continuidade da elaboração da aprendizagem, dessa forma a prova passará ser um instrumento avaliativo que pode ajudar inclusive na relação professor - aluno.

Ainda Sousa (1995) também relata que a retomada de instrumentos como a prova pode ser útil, quando se pretende oferecer ao aluno condição de enxergar o seu problema, ou seja, fazer com que o mesmo possa corrigir o que estava errado e assim não deixa passar em branco os conteúdos que não foram compreendidos, o erro não deve ser visto como algo ruim, mas como um recomeço, podendo trazer benefícios significativos para o crescimento do conhecimento do aluno e reorientar o planejamento do professor.

Para Villas Boas (2007, p.38),

As provas devem ser elaboradas de forma que sirvam para promover a aprendizagem, a autora exemplifica que o professor após a realização da prova e a análise feita por ele mesmo, deverá fazer devolutiva para o aluno em sala de aula, dando orientação para que sejam refeitas as questões que os alunos demonstraram dificuldades, dessa forma estará desenvolvendo a aprendizagem nos mesmos, pois, o que importa não é a nota, mas sim a aprendizagem.

Dessa maneira não adianta o aluno tem uma nota mais alta se apenas memorizou o conteúdo, o que importa na avaliação, é se realmente compreenderam o conteúdo e elaborou o conhecimento de



maneira significativa.

Assim, após a realização da prova pelo aluno, o professor deverá corrigi-la e verificar as dificuldades dos alunos, fazer a devolutiva e tomar uma decisão sobre o que realizar em seguida contribuindo para o desenvolvimento da aprendizagem.

Vasconcellos (2010, p.131), fala sobre tomadas de decisões após a avaliação, e dá alguns para o professor seguir:

- *Os objetivos não atingidos pelos alunos são retomados e retrabalhados imediatamente em sala de aula;
- *O professor faz a auto análise para saber se há necessidade de rever sua forma de ensinar aquele conteúdo;
- *Estes objetivos são incluídos na próxima avaliação, dando oportunidade de expressão da nova síntese do conhecimento e permitindo ao professor saber se os alunos superaram a dificuldade.

O autor revela que essa tomada de decisão é uma dimensão essencial da avaliação, pois é dessa maneira que o professor revela qual é sua intenção e compromisso com os alunos avaliados. Sendo assim, todos os instrumentos avaliativos devem ser bem formulados, trazendo ao professor as melhores informações sobre o desenvolvimento do conhecimento do aluno. O instrumento avaliativo deve ser um meio de aprofundamento do conhecimento, e não deve ser utilizado como meio de dificultar a aprendizagem do aluno.

O termo “escola”, como é usado no sistema educacional, refere-se a um local onde os alunos são educados. Este pode ser um lugar onde eles aprendem lições de vida ou se preparam para o futuro. No entanto, as escolas não deveriam ensinar valores sociais com os quais certas pessoas não concordam. Em vez disso, as escolas devem promover o pleno desenvolvimento de todos os alunos por meio de um sistema integrado de educação. Por isso, o propósito de uma escola deve ser sempre repensado a cada novo método de ensino e aula. É também por isso que as avaliações escolares precisam incluir conceitos filosóficos como educação e sociedade.

Avaliações eficazes requerem a consideração de um escopo mais amplo do que testes e notas.



Eles precisam considerar aspectos qualitativos, bem como formular julgamentos sobre as características dos alunos. Isso ocorre porque as escolas precisam de referências que não possam apenas verificar o material ou as atividades de aprendizagem – elas precisam ser claras ao avaliar a compreensão dos alunos sobre essas coisas. A educação eficaz requer que as avaliações sigam padrões estabelecidos. Isso ajuda os alunos a se desenvolverem social, emocional e cognitivamente, pois lhes dá a chance de praticar seus novos conhecimentos. Ao avaliar o desempenho dos alunos, os educadores precisam utilizar os padrões definidos pelo Sistema de Ensino.

O artigo 9º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional define a responsabilidade do Governo Federal pela realização da avaliação nacional das notas dos alunos dos ensinos fundamental, médio e superior. Essas avaliações devem ser realizadas em cooperação com os sistemas educacionais para melhorar sua qualidade e definir suas propriedades. Além disso, o artigo 24, inciso V, afirma que as avaliações devem focar aspectos qualitativos sobre os quantitativos e continuar durante todo o desempenho do aluno, em vez de terminar com um exame final.

Os professores devem avaliar regularmente o progresso dos alunos e ajustar suas aulas às diversas necessidades dos alunos. Isso pode ser feito implementando avaliações regulares, incorporando recursos externos à sala de aula ou quaisquer outros métodos pedagógicos. As avaliações devem priorizar os resultados qualitativos do aluno sobre os resultados quantitativos. Devem também incorporar frequentemente trabalhos individuais e de grupo, bem como testes subjectivos e objectivos.

A escola deve usar tanto um processo democrático para avaliar sua pedagogia quanto o envolvimento de seus alunos. Eles também devem incluir todos os aspectos do processo de avaliação em seu sistema pedagógico geral. Os alunos devem poder participar no processo, ser ouvidos quando são avaliados, ter direito à informação e negociação e até manter privados alguns aspectos das suas avaliações. Isso permite que eles analisem seu contexto, desenvolvam a cultura e se tornem sujeitos de seu contexto histórico.

Os professores devem ajudar os alunos a entender seus sucessos e dificuldades por meio de avaliações. Esses instrumentos devem facilitar a reflexão contínua sobre seus métodos de ensino –



levando à criação de um plano prático que realmente beneficie os alunos.

Acredita-se que avaliar os alunos apenas com base nas notas não reflete com precisão o seu desenvolvimento. Em vez disso, as avaliações devem considerar os valores e atitudes dos alunos. Além disso, as atividades escolares não devem se concentrar apenas em tarefas e exames – os educadores também devem monitorar como os alunos crescem social e academicamente. Isso é importante porque permite que os alunos continuem aprendendo para ter sucesso na escola.

O trabalho de Luckesi (2001) define a avaliação como o ato de aceitar um aluno em seu ser e decidir como ser. Ao avaliar a situação atual, os alunos podem interagir com o mundo e melhorar suas vidas agindo.

O diálogo confiante e novos conhecimentos são fundamentais para o processo de avaliação. Isso incentiva o autocrescimento e o desejo de progredir em direção a novos conhecimentos à medida que o aluno explora sua nova visão de mundo.

Métodos de ensino e avaliação devem combinar entre si no que diz respeito à quantidade de complexidades intelectuais apresentadas. Isso significa que os professores não devem apresentar materiais fáceis para seus alunos aprenderem, mas sim pensar em como apresentar lições mais complicadas. Ao mesmo tempo, os alunos não devem ser avaliados com muita facilidade; em vez disso, devem ser avaliados com base no que já sabem. Isso ajuda os alunos a desenvolver sua autonomia e os ajuda a construir seus conhecimentos.

Os professores avaliam continuamente seu próprio ensino por meio de avaliações contínuas do progresso do aluno. Além disso, eles também devem considerar as circunstâncias únicas e os fatos históricos da vida dos alunos. Isso ocorre porque os alunos aprendem de forma eficaz apenas quando estão cercados por um ambiente propício ao seu crescimento individual. Os professores também devem estar atentos ao desenvolvimento cognitivo, psicológico e social de seus alunos. Com base nisso, eles podem desenvolver um plano para cada lição que permita flexibilidade e, ao mesmo tempo, garanta que os alunos aprendam. Isso porque ensinar é construir novos entendimentos e preparar os alunos para construí-los (MORETO 2002, p.58).



A Avaliação da Aprendizagem deve ser um instrumento pedagógico que não só mede o conhecimento do aluno (avaliando de imediato o seu desenvolvimento cognitivo), mas também o desenvolve tanto no seu desenvolvimento cognitivo como educacional. A proposta utiliza princípios sociológicos para entender o aluno como um ser em constante evolução e construção. Além disso, deve intervir e diagnosticar tanto o desenvolvimento educacional quanto cognitivo do aluno.

Sem diagnóstico, um professor não pode fazer um prognóstico. Somente através da intervenção o diagnóstico pode ser feito e o prognóstico pode ser dado. Por causa disso, criar um prognóstico requer intervenção e intervenção requer diagnóstico. Além disso, os alunos precisam de ambos para processar adequadamente os procedimentos de aprendizagem.

As dimensões fundamentais abaixo oferecem um amplo escopo para as necessidades dos alunos. Porque eles estão amarrados juntos, eles não podem ser separados um do outro. Consequentemente, eles influenciam o processo de aprendizagem, formando uma avaliação e diagnóstico coesos. Isso porque as exigências burocráticas exigem avaliações e diagnósticos periódicos diante da complexidade que se denomina avaliação.

Ao realizar uma avaliação, os professores analisam as dificuldades que os alunos enfrentam e as razões por trás delas, bem como as formas de superá-las. Isso porque, ao utilizarem os conhecimentos adquiridos em seus estudos, podem criar novas situações de intervenção que os ajudem a aprender.

É necessário estabelecer registros e padrões adequados ao analisar um processo educacional. Estes permitem uma avaliação mais precisa e eficaz. Idealmente, esses critérios mediriam o quão bem os alunos atingem vários objetivos educacionais. Como algumas metas planejadas não foram alcançadas, os professores precisariam fazer ajustes quando os alunos enfrentassem dificuldades significativas.

Ao ensinar, é importante entender as características psicossociais, necessidades educacionais e habilidades de seus alunos. Em seguida, você deve desenvolver objetivos para suas aulas que se relacionem com esses aspectos. Além disso, você deve avaliar os conteúdos propostos para garantir



que sejam relevantes para o contexto de seus alunos.

Os professores usam suas ações para promover o aprendizado dos alunos e ajudar todos os alunos a terem sucesso em tudo o que fazem. Eles devem revisar o currículo, criar um plano de curso, planejar estratégias, reunir métodos e materiais e muito mais até que os resultados desejados sejam alcançados.

Os professores criam um ambiente de aprendizado privado quando ensinam em sala de aula. Isso permite que eles conectem sua abordagem pedagógica com os alunos em todos os estágios de desenvolvimento. Por meio desse processo, os educadores podem entender melhor as perspectivas dos alunos e desenvolver métodos de ensino que promovam a compreensão dos alunos. Isso melhora o processo de avaliação para todo o sistema educacional.

A AVALIAÇÃO NA VISÃO DE FELLIE PERRENOUD, CIPRIANO LUCKESI E JUSSARA HOFFMANN

De acordo com Perrenoud (2000) desenvolver uma postura avaliativa, não apenas requer desconstruir e construir a relação entre a concepção e a prática da avaliação como também romper com os paradigmas de classificação, seleção e exclusão ainda tão presentes no sistema atual de ensino.

A ideia de avaliação traz metodologias diferentes, concepções e contextos em que pode está inserida. Mas, o que fundamenta a compreensão dos seus objetivos e procedimentos nos leva a questionar seu lugar no processo de ensino aprendizagem, levando a refletir na relação entre avaliação e construção de conhecimento. Avaliar requer para cada momento específico uma diversidade de instrumentos inseridos numa sistemática metodológica, para o melhoramento do objetivo avaliado na intenção de sua qualidade para não classifica-lo.

Luckesi (2006) em uma entrevista concedida a revista Nova Escola, relata que a avaliação educacional nos dias de hoje, lamentavelmente ainda é tradicional/conservadora, no sentido de que a maioria das escolas promove exames que não são uma prática de avaliação. O ato de examinar elabo-



rado pelas escolas é classificatória e seletiva. Em que a avaliação, ao contrário, se dá como diagnóstico e inclusivo. Os instrumentos aplicados hoje são de qualidade duvidosa onde se corrige provas e conta-se pontos para com base nos resultados concluir se o aluno está aprovado ou reprovado, incluídos ou excluídos. Na visão política-pedagógica essa ação é uma tradição antidemocrática e autoritária, porque é centrada na pessoa do professor e no sistema de ensino, não em quem aprende.

A avaliação é, portanto constituída de instrumentos de diagnósticos gerando uma intervenção no sentido de melhorar a aprendizagem. Se de fato for obtido o aluno certamente será sempre aprovado, tendo adquirido as habilidades e conhecimentos necessários. A avaliação é na verdade inclusiva visto que o aluno vai ser ajudado a prosseguir. Essa concepção politico-pedagógico é um ato dialógico por outro lado é para todos os alunos, implicando necessariamente uma negociação entre professor e aluno (LUCKESI, 2006).

Como relata Luckesi (2000) a avaliação classificatória é medida por ênfase na capacidade de reproduzir determinado conteúdo passado pelo professor, onde são considerados bons alunos os de maior capacidade mimética, nessa perspectiva, ela é realizada somente no final do processo de aprendizagem, afim de medir seu resultado, afinal, atuando como instrumento de coleta de nota, que classifica os alunos como bom, médio ou inferior sem levar em conta um processo de reflexão autônomo, não havendo processo do saber, mas, enfocado no avanço dos conteúdos previsto nas unidades do livro.

Neste contexto, segundo Perrenoud (2000) o papel da educação para o qual contribui a avaliação classificatória tem função de fazer dos alunos cópias reprodutoras do que foi ditado pelos professores, sendo realizada apenas no final do processo de aprendizagem, impedindo a trajetória escolar do aluno, se diz também que esse tipo de avaliação possui caráter frenador e que traz dano ao aluno.

Nesta concepção para Luckesi, o professor domestica seus alunos sem contribuir para o desenvolvimento do seu potencial. Os instrumentos de avaliação tem ênfase quantitativa acumulando informações, e as notas finais, são coletadas por meios de provas, que visam apenas aprovar ou reprovar, sem favorecer o crescimento do aluno.



Hoffmann (1994) ressalta a avaliação com finalidade diagnóstica sendo essencial, de forma que o educador consigo ter o feedback do seu ensino para intervir, auxiliando seus alunos a superação de suas dificuldades de aprendizagem, e para o aluno será a base para a reformulação de procedimentos didático pedagógicos durante o processo de ensino aprendizagem.

Este ato de forma investigativa também visto em Hoffman (1994, p.18), na visão da autora, avaliar os resultados é uma prática perigosa e certamente exige uma reflexão antes da ação, [...] a avaliação é a reflexão transformada em ação, essa, que nos impulsiona a novas reflexões. Nesse sentido, avaliar deixa de ser uma aquisição de notas para os resultados aparentes e passa a ser o caminho pela compreensão e resolução das dificuldades dos alunos.

Pois Hoffman (2003, p. 73): “o que se pretende para a educação infantil? Fundamentalmente um ambiente livre de tensões e limitações. Educadores disponíveis concretamente para acompanhar e oportunizar vivências enriquecedoras”. Para efetivamente auxiliar os alunos em seus processos de aprendizagem faz-se necessário que o professor os conheça, para conseguir acompanhar seu desenvolvimento, possibilitando assim diversas situações de aprendizagens no decorrer desse processo, como diz Luckesi (2011, p. 270):

A avaliação da aprendizagem para cumprir o seu papel, exige essa disposição de acolher a realidade como ela se apresenta, uma vez que a intenção é subsidiar a busca do melhor resultado possível à luz do planejado.

Concorda-se com Hoffmann (2012, p. 83) quando ela afirma que:

No ato avaliativo, a interação educador/educando é sempre subjetiva. O que o professor diz do educando é resultante da relação que estabeleci com este, revelando, por meio da avaliação, suas concepções teóricas e seu maior ou menor acompanhamento individual.

Essa concepção reflete o compromisso do professor com sua profissão, deixando claro que o mesmo precisa estar disposto a mudar os rumos de seus métodos e procedimentos sempre que necessário. Diz Luckesi (2011, p. 277) descrevendo a avaliação também como forma diagnóstica:



Avaliar é diagnosticar e diagnosticar, no caso da avaliação, é o processo de classificar a realidade por meio de sua descrição, com base em seus dados relevantes, e, a seguir pela qualificação que é obtida pela comparação da realidade descrita com um critério assumido como qualidade desejada.

Na visão de Luckesi, os professores que fazem esse diagnóstico sabem que o resultado que certamente se apresentará mais tarde, atribuindo a avaliação feita a partir do seu compromisso com a prática. A avaliação em seu sentido mais amplo, é uma atividade voltada para o cotidiano de uma forma esclarecedora e acolhedora no intuito de promover o processo de aprendizagem, de caráter processual, visando sempre a melhoria do avaliado.

Compete ao professor durante o ato de avaliar, analisar suas práticas metodológicas visando as possibilidades de aprendizagens e desenvolvimento que possam ser oferecidas aos seus alunos.

Como descrever Hoffman (1993, p.75):

A avaliação mediadora exige a observação individual de cada aluno, atenta ao seu momento no processo de construção do conhecimento. É fundamentada a partir das concepções sobre o desenvolvimento infantil, demonstrando que a criança é um ser histórico e social, que constrói seu conhecimento devendo ser atendidas em suas necessidades imediatas.

No livro Dez competências para ensinar Perrenoud (2000, p.29) mostra a importância dessa avaliação no processo de ensino-aprendizagem:

[...] A partir das concepções dos alunos, dialogar com eles, fazer com que eles sejam avaliados para aproximá-los dos conhecimentos científico a serem ensinados. A competência do professor é, então essencialmente dialética. Ajuda-lo a fundamentar-se nas representações prévias dos alunos, sem se fechar nelas, a encontrar um ponto de entrada em seu sistema cognitivo, uma maneira de desestabilizá-los apenas o suficiente para leva-los a restabelecerem o equilíbrio incorporando novos elementos às representações existentes, reorganizando-as se necessário.



É fundamental esse conhecer, conversar e manter um diálogo constante com os alunos nesse primeiro nível de ensino, onde leva o professor a saber como será a dialética trabalhada com eles. Segundo o pensamento de Luckesi (2011, p. 29):

É preciso compreender quem é o educando e como ele se expressa afim de, consequentemente, definir como atuar com ele seu processo de autoconstrução. A meta é propiciar-lhe as condições a mais adequada possíveis seu acolhimento, o oferecimento de conteúdos e atividades necessárias à aprendizagem e ao desenvolvimento, afetiva avaliação da aprendizagem para que possa desenvolver segundo suas possibilidades e características. Portanto, importa saber como ele é, de modo que saibamos atuar com ele.

É importante ter o olhar para o ato de avaliar nos anos iniciais do ensino fundamental no sentido de acompanhar e organizar métodos didáticos pedagógicos para oferecer atividades que possibilitem os alunos adquirirem habilidades no processo de construção do conhecimento desenvolvido com tudo suas capacidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação precisa ser uma prática com muitas dimensões, e os educadores por sua vez, devem compreender que o ato de avaliar engloba vários aspectos importantes, como a valorização e compreensão do outro, é imprescindível construir um laço afetivo bem como reconhecer que é de fundamental importância conhecer a criança e suas particularidades, para que efetivamente a educação seja transformadora.

Fornecer feedback é uma parte importante do processo educacional, pois dá aos alunos a chance de se recuperar de seus erros e melhorar no momento apropriado. Todos os alunos devem receber avaliações que lhes proporcionem um progresso adequado a cada turno.

Muitos consideram a avaliação como uma ferramenta autoritária com capacidades de mudança. Ainda continua sendo usado como julgamento de certo ou errado por muitos. Por esta razão,



é necessário reconsiderar a definição da avaliação para criar uma plataforma política educacional baseada em princípios pedagógicos e políticos. Isso porque novas técnicas de avaliação são necessárias para formar cidadãos que pensem de forma crítica e criativa.

A avaliação deve ser transformada de uma ferramenta de ensino que se concentra nas falhas para uma que enfatiza o sucesso. Isso incentivará a promoção de oportunidades educacionais para todos os alunos. Como resultado, as mudanças de avaliação devem incorporar a participação de professores e alunos. Isso requer um método de avaliação autêntico, direto e profundo. Por isso, todos os aspectos da educação devem ser incorporados ao processo de avaliação – incluindo a determinação do valor representativo imposto pelas escolas.

Historicamente, a avaliação foi pensada como um conceito ameaçador e autoritário. No entanto, as interpretações modernas acreditam que a avaliação mudou de uma ferramenta autoritária para uma forma de medir o progresso e a aprendizagem do aluno. Essa mudança de perspectiva levou a novos propósitos para esse processo.

Contudo, pode-se dizer que a educação e avaliação estão entrelaçadas ambas andam juntas, o professor deve estar avaliando constantemente e observando os acontecimentos na sala de aula, e construir conhecimentos com seus alunos.

O educador deve repensar cerca da sua prática através da reflexão, gerando oportunidade aos seus alunos para obterem também uma ação reflexiva. O papel do professor inclui sobretudo, a investigação séria da ação física e mental da crianças, proporcionando mediação entre o ensinar e o aprender.

Não seria coerente, portanto, realizar uma prática educativa seguindo uma visão padronizada do desenvolvimento infantil, visto que cada um tem sua história, atitudes e comportamentos variáveis de uma criança para outra.

A mediação do professor no momento avaliativo, a aproximação e o diálogo, são fatores de grande relevância na educação, é, na verdade o acompanhamento da maneira de ser de cada aluno, assim como ser histórico pessoal e familiar. Um professor mediador e familiar. Um professor mediador



se interessa com as aprendizagens de seus alunos, e suas observações são uma aliada de grande valia para seus alunos na construção de seus conhecimentos, e ao observar seus alunos estará apto para reconhecer suas habilidades e identificar suas dificuldades procurando alternativas junto com o aluno.

As escolas precisam considerar tanto os aspectos quantitativos quanto os qualitativos da avaliação, a fim de alcançar uma compreensão precisa do assunto. Eles desempenham um papel necessário na vida de crianças e jovens, incentivando-os a explorar a cultura e o local de trabalho. Esse objetivo socialmente determinado não ocorre espontaneamente em suas vidas; em vez disso, é necessário devido às expectativas da sociedade e ao controle do educador.

Os professores devem desenvolver seus alunos em indivíduos independentes e capazes por meio de uma relação pedagógica que requer condições interdependentes tanto dos ambientes internos dos alunos quanto das influências externas. Os professores também devem criar a estrutura de suas aulas, mas seu objetivo final é permitir que os alunos se desenvolvam de forma autônoma. Uma vez alcançado isso, os professores devem medir os resultados qualitativamente com dados quantificáveis, em vez de qualificá-los comparando-os com padrões predeterminados.

A avaliação dos alunos com base em testes escritos tem limitações significativas. Muitas escolas usam esses testes para avaliar a capacidade dos alunos, em vez de seu conhecimento. Os professores acham difícil avaliar os resultados mais importantes de seu ensino, como compreensão, originalidade e habilidades de resolução de problemas. Isso ocorre porque a maioria dos exercícios em livros didáticos e tarefas dadas pelos professores concentram-se nessas qualidades.

Escolas, professores e pais precisam de provas quantitativas e qualitativas dos resultados de aprendizagem de seus alunos para avaliar o trabalho realizado. Essas ferramentas incluem testes escritos e outros métodos de verificação.

Por mais que um professor se esforce para inculcar motivação em seus alunos, ele nunca conseguirá inspirá-los por conta própria a estudar. As crianças precisam de estímulos externos para exercitar suas energias físicas e intelectuais.

Idealmente, os alunos podem entender os testes educacionais como um reflexo de seu cres-



cimento por meio de realizações tangíveis. Estes incluem exercícios que os ajudam a consolidar seus conhecimentos e habilidades e tarefas que demonstram sua compreensão do assunto. Além disso, os testes objetivos demonstram objetivos e materiais adequados às condições de aprendizagem dos alunos e aos resultados desejados. As histórias ou ensaios também podem ser educativos se os alunos considerarem os objetivos adequados às suas necessidades e o conteúdo for relevante para o seu ambiente de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ARREDONDO, S.C. e DIAGO, J.C. Avaliação. educacional e promoção escolar. Curitiba: Ibpex;. São Paulo: Unesp, 2009.

BARRIGA, A. Uma polêmica em relação ao exame. In: ESTEBAN, M. T. (Org.). Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos. 5. ed. Petrópolis: DP&A, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso e: 10 de nov. 2020.

HOFFMANN, Jussara. A avaliação enquanto mediação. Avaliação: mito e desafio – uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1994.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação mediadora: uma pratica em construção da pré-escola à universidade. 32ª ed. Porto Alegre, Mediação, 2012.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 1998.

_____. Avaliação da aprendizagem Escolar. 18. ed. – São Paulo: Cortez, 2006.

_____. Avaliação da Aprendizagem Escolar. São Paulo: Cortez, 2009.



_____. CIPRIANO Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 22ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

MORETTO, Vasco Pedro, Prova: um momento privilegiado de estudos, não um acerto de contas. Rio de Janeiro – Lamparina, 2010.

RONCA, P. A. C. A prova operatória: contribuições da psicologia do desenvolvimento. São Paulo: Editora do Instituto Esplan, 1991.

PERRENOUD, Philippe. Pedagogia diferenciada: das intenções a ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SANMARTÍ, Neus. Avaliar para aprender. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SOUSA, S.Z. Avaliação Escolar: constatações e perspectivas. Revista de Educação AEC, Brasília -DF, ano 24,nº 94, p.59-66, jan./mar.,1995.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança – por uma práxis transformadora. 11. ed. São Paulo: Libertad Editora, 2010.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. A avaliação na escola. / Benigna Maria de Freitas Villas Boas. – Brasília: Universidade de Brasília, 2007.



Política e Escopo da Coleção de livros Humanas em Perspectiva



A Humanas em Perspectiva (HP) é uma coleção de livros publicados anualmente destinado a pesquisadores das áreas das ciências humanas. Nosso objetivo é servir de espaço para divulgação de produção acadêmica temática sobre essas áreas, permitindo o livre acesso e divulgação dos escritos dos autores. O nosso público-alvo para receber as produções são pós-doutores, doutores, mestres e estudantes de pós-graduação. Dessa maneira os autores devem possuir alguma titulação citada ou cursar algum curso de pós-graduação. Além disso, a Coleção aceitará a participação em coautoria.

A nossa política de submissão receberá artigos científicos com no mínimo de 5.000 e máximo de 8.000 palavras e resenhas críticas com no mínimo de 5 e máximo de 8 páginas. A HP irá receber também resumos expandidos entre 2.500 a 3.000 caracteres, acompanhado de título em inglês, abstract e keywords.

O recebimento dos trabalhos se dará pelo fluxo contínuo, sendo publicado por ano 10 volumes dessa coleção. Os trabalhos podem ser escritos em português, inglês ou espanhol.

A nossa política de avaliação destina-se a seguir os critérios da novidade, discussão fundamentada e revestida de relevante valor teórico - prático, sempre dando preferência ao recebimento de artigos com pesquisas empíricas, não rejeitando as outras abordagens metodológicas.

Dessa forma os artigos serão analisados através do mérito (em que se discutirá se o trabalho se adequa as propostas da coleção) e da formatação (que corresponde a uma avaliação do português e da língua estrangeira utilizada).

O tempo de análise de cada trabalho será em torno de dois meses após o depósito em nosso site. O processo de avaliação do artigo se dá inicialmente na submissão de artigos sem a menção do(s) autor(es) e/ou coautor(es) em nenhum momento durante a fase de submissão eletrônica. A menção dos dados é feita apenas ao sistema que deixa em oculto o (s) nome(s) do(s) autor(es) ou coautor(es) aos avaliadores, com o objetivo de viabilizar a imparcialidade da avaliação. A escolha do avaliador(a) é feita pelo editor de acordo com a área de formação na graduação e pós-graduação do(a) professor(a) avaliador(a) com a temática a ser abordada pelo(s) autor(es) e/ou coautor(es) do artigo avaliado. Terminada a avaliação sem menção do(s) nome(s) do(s) autor(es) e/ou coautor(es) é enviado pelo(a) avaliador(a) uma carta de aceite, aceite com alteração ou rejeição do artigo enviado a depender do parecer do(a) avaliador(a). A etapa posterior é a elaboração da carta pelo editor com o respectivo parecer do(a) avaliador(a) para o(s) autor(es) e/ou coautor(es). Por fim, se o trabalho for aceito ou aceito com sugestões de modificações, o(s) autor(es) e/ou coautor(es) são comunicados dos respectivos prazos e acréscimo de seu(s) dados(s) bem como qualificação acadêmica.

A nossa coleção de livros também se dedica a publicação de uma obra completa referente a monografias, dissertações ou teses de doutorado.

O público terá acesso livre imediato ao conteúdo das obras, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



Índice Remissivo



A

Alunos

página 29

página 36

página 52

página 74

página 76

Avaliação

página 64

página 66

página 71

página 72

página 77

E

Escola

página 45

página 47

página 48

página 50

página 53



P

Professor

página 31

página 68

página 73

página 81

página 84





Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA